O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.

Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

ANNO XXVIII | AVEIRO, 19 DE SETEMBRO DE 1909 | N.º 1:326

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.

Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Factos e Criticas

Como temos demonstrado, como estamos ainda demonstrando, no partido republicano ha um grande, um numerosissimo bando de patifes. Mas, dos nossos trabalhos, dos nossos inqueritos, do resultado das nossas averiguações, resulta tambem, nitido, eloquente, que o partido republicano é pequenissimo.

Pergunta-se: como poude a canalha dominar o partido republicano?

Como poude um pequeno bando de canalhas, muito grande em relação ao partido republicano, mas pequeno em relação ao paiz, como poude um pequeno bando de canalhas dominar um paiz todo?

Isto parece um facto demonstrativo da fraqueza da intelligencia e do caracter portuguez. Será? Temos duvidas a esse respeito. Que o caracter portuguez é tardo em se manifestar, que a intelligencia nacional não perde pela acuidade, não ha duvida nenhuma. Mas que tudo isso é compensado por uma certa reflexão e um certo bom senso, tambem é incontestavel. O portuguez não se revolta á primeira. Mas quando chega a revoltar-se revolta-se a serio. O portuguez não apanha as coisas da intelligencia, do espirito, instantaneamente. Mas fica calado e desconfiado... a reflectir. E, depois, é decidido.

Agora mesmo se vê isso. O paiz está accordando da sua surpreza e pergunta a si proprio, com assombro, como poude tanto tempo tolerar isto.

O paiz esteve sob um jugo revoltante, um jugo vergonhoso, um jugo repellente. O paiz tem sido joguete, ludibrio, d'uma pequenissima minoria.

Pois o que é o partido republicano em Portugal? O paiz já fez a si proprio esta pergunta? O paiz, depois de a fazer, já olhou para si?

Que olhe Aveiro para si. Braga, Vianna do Castello, Bragança, Villa Real, Chaves, Guimarães, Lamego, Vizeu, Leiria, Faro, Evora, tudo. Tudo, de norte a sul, de leste a oeste. O que é o partido republicano em Braga? O que é elle em Vianna do Castello, em Guimarães, em Villa Real, em Bragança, em Aveiro, em Coimbra, em Leiria, em Evora, em Portalegre, em Elvas, em Faro, em toda a parte?

O que é elle?

Em Aveiro é o Termónocú e o Maduro. Em Chaves é o Sebastião Mesquita e o Granjo. Em Abrantes é o Trinta pae e o Trinta filho. Em Lagos é o Jeronymo Rato, o *Espanta-mortos* e o *Précuras*. Em Evora é o entrevado da Freiria. Em Benavente é o Petiz dos Cordões e o Zé dos Moinhos. No Porto é o Padua Correia, o Henrique Cardoso, o Alfredo de Magalhães. Em Lisboa é o Pechuga, o Petiz das Gravatas, o Pintor, o Affonso Costa, o Cunha e Costa, o Ribas d'Avellar, o Margarido. Em toda a parte o pedante, o pascasio, a plebe ignara e o villão. Mas, tirando Lisboa e Porto, e mais duas ou tres terras do paiz, a plebe ignara, o palerma, o canalha n'uma infima minoria. N'uma infima minoria!

Como foi isto? Como tem o paiz supportado isto?

A força do partido republicano é a canalha. Já n'outro dia o dissemos aqui e os factos veem-no demonstrando em toda a sua evidencia. Na propria cidade de Lisboa é a canalha e é o canalha quem domina. Perante a logica, que é o mesmo que dizer perante a verdade e a justiça, não ha gente honrada no partido republicano. Porque, como tambem o temos dicto muita vez, a honra, a honestidade, não está nunca em não praticar o crime. Está, sobretudo, em *não transigir com o crime.* Não praticar o crime directamente pode ser uma covardia, pode ser uma hypocrisia. Uma maneira vil de aproveitar ou gosar os fructos do crime. Mas não transigir com o crime é que não pode, nunca, ser tomado á conta de hypocrisia ou covardia. A grande fortaleza d'animo, a sã honestidade, o verdadeiro caracter não está em não praticar directamente o crime. Está em o não praticar e em repellir abertamente, altivamente, aquelles que o praticam.

Quem é honesto no partido republicano d'Abrantes, por exemplo, fazendo causa commum com o Trinta?

Quem é honesto no partido republicano d'Aveiro, onde o trocatintas Cunha e Costa, onde o cavalheiro d'industria Cunha e Costa é tão conhecido, quem é honesto no partido republicano d'Aveiro acceitando a supremacia moral que o partido republicano deu ao Cunha e Costa em Lisboa?

Quem é honesto no partido republicano de Benavente, acceitando como chefe o *Petiz dos cordões* ou o *Zé dos moinhos?*

Quem é honesto no partido republicano do Porto, acceitando a supremacia intellectual e moral do Padua Correia, investindo-o na missão de redactor do orgão principal dos republicanos na segunda cidade do paiz, isto é, de dirigente, de guia espiritual por excellencia?

Quem é honesto no partido republicano do Porto, com o Henrique Cardoso, o Alfredo de Magalhães, e outros, arvorados em porta-bandeiras da *reforma dos costumes?*

Quem é honesto no partido republicano de Lisboa, com o Arthur Leitão, o Ribas d'Avellar, o Botto Machado, o Sá Pereira, o Margarido a buzinarem na trombeta da moralidade e da justiça?

Quem é honesto no partido republicano de Lagos com o Jeronymo Rato á sua frente? O Jeronymo Rato acolytado pelo *Espanta-mortos* e o *Précuras?*

Quem é honesto em *todo* o partido republicano portuguez com o Affonso Costa, o Cunha e Costa, o Feio Terenas a representarem-no collectivamente?

Ninguem. Fóra com a mentira. Com essa torpe mentira, com essa nojenta hypocrisia com que nos andamos aqui a enganar mutuamente. No partido republicano não ha *ninguem* honesto. Porque todo o homem pode transigir na sua vida particular com um vicioso, ou com um criminoso, pois que ahi só arrisca a sua consideração individual, o seu interesse, quando muito a consideração ou o interesse da sua familia. Mas na vida publica, ondo arrisca o interesse e a consideração da sua patria, nunca.

Que mentira é essa de andarmos para ahi a dizer: *Esse, sim, é um homem honrado; esse, sim, é um homem digno; esse, sim, é um homem de bem?*

Qual homem de bem? Qual homem digno? Qual é o homem de bem, quem pode ser homem de bem elevando o Affonso Costa como representante da moralidade portugueza? Qual é o homem digno, quem pode ser homem digno pondo o Alexandre Braga, o Arthur Leitão, o Ribas d'Avellar, o França Borges a pugnar pela justiça e pela reforma dos costumes?

Quem é homem de bem, quem pode ser homem de bem, quem é homem digno, quem pode ser homem digno, a acceitar o Affonso Costa, o Cunha e Costa, o Padua Correia, o França Borges, o Alexandre Braga, o Botto Machado, o Feio Terenas, o Gomes da Silva, como a synthese da moralidade, da verdade, da justiça, dentro da moralidade, da verdade e da justiça?

Ninguem. Fóra a hypocrisia! Abaixo a mentira! Não nos illudamos com phrases sacramentaes, com dictos e gestos de imitação estupida. Olhemos a verdade em face, só a verdade e ella nos dirá: *Ninguem!*

Se esta sociedade, corrompida até á medulla dos ossos pela hypocrisia, pela mentira, amacacada pela imitação pelintra, amachucada pelo falso artificio, aleijada pela convenção grosseira, quer salvar-se, é preciso que se erga rapidamente, e d'uma vez para sempre, á altura da verdade, ou por outra, á altura da natureza.

A civilisação aperfeiçôa, auxilia a natureza. Não a deprime, não a amputa nos seus orgãos e nas suas funcções de verdade.

No partido republicano não ha ninguem honesto. Porque a honestidade, a verdadeira honestidade tem a força expansiva da polvora ou da dynamitte: quando a ferem estoira e varre tudo.

No partido republicano não ha ninguem honesto. Mas suppondo, admittindo que a honestidade consiste só em não praticar directamente e activamente a infamia, pergunto: quem dirige *effectivamente* o partido republicano em Lisboa? E' o sr. Antonio José d'Almeida, é o sr. Agostinho Fortes, que teem, realmente, boas intenções e virtudes pessoaes dignas de nota? E' o proprio velhaco João de Menezes, é o proprio velhaquete Brito Camacho, que, velhaco e velhaquete, não teem, comtudo, pustulas malignas? Não. E' o Bombardino Rachado. E' o Affonso Costa. E' o Cunha e Costa. E' o França Borges. E' toda a gente que abanca no prostibulo do *Mundo*. E' a canalhice. E' a infamía. E' a vileza.

E' isso que dirige o proprio partido republicano em Lisboa.

E' isso que dirige o proprio partido republicano em todo o paiz.

Como poude ser isso? Como poude a canalha dominar um partido, um partido que se dizia de moralidade, de reforma, de justiça, um partido revolucionario e que, como partido revolucionario, devia ter energias e virtudes para varrer, ou, pelo menos, para subjugar, para submetter, para pôr a canalha no seu logar, para a reduzir ás suas legitimas proporções?

Como poude um paiz, relativamente grande, ficar sob o jugo aviltante d'um partido de canalha e de canalhas, com muita canalha, com muitos canalhas, mas pequenissimo em relação á massa geral da população?

Não sabemos. Ou, antes, não vale a pena agora averiguá-lo. Sabemos só que é o facto. E limitamo-nos a registar o facto.

Sabemos só que é o facto e limitamo-nos agora a regístar o facto para podermos dizer ao paiz: isto não pode ser, isto não pode continuar.

Isto não pode ser. Isto não pode continuar.

E' preciso que o paiz abra definitivamente os olhos. E' preciso que o paíz tenha decoro, é preciso que o paiz tenha vergonha.

Abra os olhos, para ver que está sendo posto em cheque, por uma infima minoria, ha vinte annos. Abra os olhos, para ver que está sendo posto em cheque ha vinte annos por uma infima minoria, e por uma infima minoria de canalha e de canalhas.

Ha vinte annos que reina a maior desordem, a maior anarchia n'esta terra. Ha vinte annos que é impossivel a conquista d'um serio principio democratico, d'um serio progresso, d'uma seria e util reforma. Ha vinte annos que peora a administração, que se aggrava o estado do thesouro, que não ha orçamento regular, que isto se tornou um campo aberto a todas as quadrilhas, a todos os ladrões.

Porquê?

Porque sendo miseraveis, porque sendo infames, torpes, vis, as quadrilhas monarchicas, appareceu outra quadrilha que, em logar de vencer aquellas, de as dominar, só serviu, lançando a perturbação e a desordem no paiz, para as deixar mais á vontade.

São tremendas as responsabilidades das quadrilhas monarchicas. Não se pode negar que foram ellas que cavaram o abysmo, que talaram os campos, que lançaram e atearam o incendio. Não se pode negar! Mas o que fez a quadrilha, a grande quadrilha republicana? Fez o jogo das quadrilhas monarchicas. Veio para as combater, e, no fim de contas, continuou a sua obra detestavel. Chegou um momento, houve um momento, em que foi facil destruir as quadrilhas monarchicas. E a quadrilha republicana salvou, justificou, n'essa hora tremenda, as quadrilhas monarchicas!

Subsistiram as quadrilhas monarchicas. E appareceu mais uma quadrilha, a quadrilha republicana. E a quadrilha republicana completou a acção das quadrilhas monarchicas. E a quadrilha republicana, apprendendo nas licções das quadrilhas monarchicas, excedeu as quadrilhas monarchicas. E a quadrilha republicana tornou-se mais perigosa que as quadrilhas monarchicas. E, assim, o crime nacional, de lesa-patria, da quadrilha republicana, sem falar no seu crime de lesa-democracia que esse só interessa aos democratas, foi maior, mais tremendo, mais odioso, que o crime de lesa-patria das quadrilhas monarchicas.

Alguem nos escrevia esta semana a lembrar que o montante, com que se escrevem estas linhas, tinha já derribado a quadrilha republicana e que era necessario que elle se voltasse agora contra as quadrilhas monarchicas.

Não, engana-se. As quadrilhas monarchicas é que estão vencidas. E' que estão anniquiladas. Venceu-as João Franco. Grita-se muito contra esse homem, inconscientemente, sem se ver que bastaria esse serviço para compensar todos os males. As quadrilhas monarchicas nunca mais resurgirão dos golpes que sobre ellas descarregou o João Franco. João Franco exauctorou-as. João Franco mostrou a sua impotencia, a sua inanidade. Homem d'estado, João Franco teria completado a sua obra metralhando nas ruas e fuzilando na caserna Lobau, na Roquette, no Père Lachaise, em 28 de Janeiro, os Pechugas, os Petizes das Gravatas, os Pintores, isto é, a quadrilha...

...Le peuple est en haut mais la foule est en bas

Teria salvo a vida do seu rei, teria salvo o seu prestigio, a sua auctoridade, e teria salvo a patria... se fosse um homem d'estado.

Não salvou. Mas, ao menos, as quadrilhas monarchicas deixou-as derreadas.

Podem rabear? Podem. Pois corta-selhes o rabo. Mas o que é preciso, agora, para amachucarmos *todas* as quadrilhas, é deixar a quadrilha republicana, como as quadrilhas monarchicas... *derreada.*

Vamos. Este montante tem-a atordoado. De facto. Mas falta *liquidá-la.*

Vamos. E' uma infima minoria de canalha e de canalhas. Vamos a ella. Não custa nada. E' só afugentar o pavor. E' só perder o medo ao papão. E' sò pegar n'um tagante, corajosamente... e dar.

Meia duzia de bisborrias e de patifes da peor especie em Aveiro, Braga, Lagos, Abrantes, Evora, em todas as cidades, em todas as villas, em todas as aldeias d'esta terra. Paduas Correias no Porto. Pechugas e Margaridos em Lisboa. O paiz submettido a isso! E' uma degradação, uma ignominia, a vergonha das vergonhas.

Só elle pode forçar o partido republicano a purificar-se. Só elle! Que não confie na força de reacção do partido republicano. Está tão corrompido que é loucura esperar que parta d'elle a sua propria regeneração.

Que não confie na força e na intelligencia dos governos. E' ver como se succedem ministerios sobre ministerios de homens *incapazes.*

Aqui só ha uma força: a da gente honesta, que ainda é muita. Ou esta se resolve a saír por uma vez da sua passividade, a impor-se seriamente, tenazmente, á quadrilha republicana e ás quadrilhas monarchicas, a correr a tagante *toda a canalha*, ou não se faz nada.

Crear *opinião publica*, opinião independente, orienta-la, tonifica-la, abrir-lhe os olhos e fortalecer-lhe o caracter, tal é o grande serviço, o enorme serviço, o serviço *immediato* que reclama esta patria.

Brinde

O sr. Ricardo Xavier da Silva, residente em Lisboa, grande admirador do *Povo de Aveiro*, acaba de nos brindar com uma penna d'oiro.

Agradecemos a homenagem, pelo espirito patriotico que a inspirou.

Diz na sua carta o sr. Ricardo Xavier da Silva. «Tem ella (a homenagem) para V. o unico valor de ser insuspeita, pois parte d'um antagonista intransigente. Militamos em campos diametralmente oppostos. V. é atheu e eu crente. Eu sou miguelista e V. republicano»

Mas, como o sr. Xavier da Silva conclue n'outra parte, une-nos o espirito da verdade e amor patrio.

O sr. Ricardo Xavier da Silva entende que estamos prestando relevante serviços á patria portugueza. E isso excita os seus sentimentos patrioticos.

Essa exaltação patriotica faz-lhe ver em nós maiores meritos que os que temos e maiores serviços que os que, realmente, estamos prestando. No emtanto alguma coisa d'util temos feito e esperamos não desmentir completamente as esperanças que o sr. Xavier da Silva deposita na nossa fé e no nosso esforço.

Temos, pois, uma penna d'oiro offerecida por um miguelista e um crente. Já tinhamos uma penna de ferro offerecida por um grupo de republicanos e livres pensadores. Quando tivermos uma penna d'aço e uma penna de bronze estamos armados... com todos os matadores.

Então é que é d'escacha com uma acha!

Vae Troya abaixo.

Typographos

Precisam-se, na typographia do *Povo de Aveiro.*

Carta a esta administração, os que desejarem e forem de fóra da terra.

Infames... até alli!

O *orgão da Margarida das Flores* publicava na segunda-feira o extracto da sessão solemne realisada em Lisboa no *Centro Escolar Antonio José d'Almeida*, a favor de Ferrer.

E dizia:

Como fôra annunciado, realizou-se hontem a sessão solemne para inauguração da kermesse, cujo producto reverterá a favor das escolas por esse Centro sustentadas. A's 2 horas da tarde, estando a vasta sala das sessões repleta de assistentes, o sr. Simões Coelho abriu a sessão convidando para presidente o sr. Homem Christo, filho, traçando-lhe o perfil de revoltado e pondo em destaque a differença da sua acção da de outrem, cujo nome se confunde indevidamente com o seu. Muito ovacionado o sr. Christo, filho, tomou a presidencia, referindo-se á necessidade urgente de todos quantos sentem o mal da situação portugueza, onde predomina a reacção, combaterem e darem todo o seu esforço pela conquista da liberdade. Reporta-se á perseguição de que foi victima em Coimbra e declara que saberá sustentar sempre a sua intransigencia ante todas as prepotencias, contra todas as formas da tirania.

Attendam bem os leitores: a infame gazeta attribuia ao sr. Simões Coelho estas palavras: e **pondo em destaque a differença da sua acção** (do rapazote) **do de outrem, cujo nome se confunde indevidamente com o seu.**

No dia seguinte publicava o *orgão da Margarida das Flores* uma carta do sr. Simões Coelho a dizer ao Margarido que o extracto publicado no dia anterior não era exacto. Responde-lhe um malandrão, que dá pelo nome de Francisco da Silva Ramos, nome para nós inteiramente novo como era o do Pechuga, o do Pintor e o d'outros malandros que a policia apanhou a roubar e a dar facadas descobrindo ao mesmo tempo que eram socios do *Centro Escolar* (escolar é muito boa, que bella escola!) *Antonio José d'Almeida*, responde-lhe um malandrão, um Pechuga, que dá pelo nome de Francisco da Silva Ramos, a dizer-se auctor do extracto, a confirmar o que dissera, e que o que dissera era a verdade, e chamando *camarada* a Simões Coelho e a Homem Christo, Filho.

Agora conjuguem os leitores—porque só assim se vê a infamia toda—com o seguinte. No sabbado tinha o *orgão da Margarida das Flores* voltado a affirmar que estava *pendente* da Boa Hora um processo contra nós. E no domingo uma Corneta do Diabo, que dá pelo nome de *Jornal d'Abrantes*, orgão do sachristão de Santa Izabel, o patetoide Derouet, o Luizinho, e dirigido nominalmente pelo Manuel d'Oliveira Netto, pae do celebre Aurelio Netto, o *Trinta*, aquelle *Trinta* que todo o mundo em Abrantes accusa de ter attentado contra o pudor da propria mãe, que todo o mundo em Abrantes sabe ser um infame que anda de vez em quando á bulha com o pae e o pae á bulha com elle, dois canalhas da mais infima especie, dois verdadeiros Pechugas, ou peores que o Pechuga, porque o Pechuga nunca attentou—não consta do cadastro policial — contra o pudor da propria mãe, nem contra o pudor das proprias irmãs como no Porto o Padua Corrêa, outro infame abaixo do Pechuga, e no domingo a *Corneta do Diabo* que dá pelo nome de *Jornal de Abrantes*, entre muitas baboseiras e infamias, accusava-nos de termos abandonado mulher e filhos e *de termos procedido depois por forma* que lhe **repugnava** (ao pae Netto e ao filho *Trinta!*) *conta-la, mas que se viria a saber por um processo que corre seus termos nos tribunaes.*

Não ha homem n'este paiz ao qual se tenha feito guerra mais infame, contra o qual se tenham vomitado calumnias mais revoltantes do que as que se teem vomitado contra nós, o que, aliás, é natural, desde que ninguem amachucou ainda quadrilhas e quadrilheiros com a efficacia e vigor com que nós o temos feito. Mas essa guerra infame em vez de nos prejudicar só nos tem favorecido e só nos favorece, porque nos dá margem a mostrar *por todas as formas* a quanto chega a vileza dos Margaridos, dos Paduas, dos Nettos, dos Pintores e dos Pechugas.

Sabe perfeitamente o *orgão da Margarida das Flores*, sabe perfeitamente o orgão do sachristão de Santa Izabel, ama do pfior, orgão do sachristão e, ao mesmo tempo, orgão do Trinta pae, e do Trinta filho, o ladrão do porco do Firmino, o caloteiro do Hotel Montes e de todos os Montes Hoteis e Hoteis Montes de Thomar, o Trinta filho que bate no pae e que attentou contra o pudor da propria mãe, sabem perfeitamente os dois orgãos, as duas *Cornetas*, as duas latrinas publicas que não ha processo nenhum pendente contra nós. O processo a que se referem, **intentado por nós e não contra nós,** foi resolvido **unanimemente** a nosso favor, como em citação judicial, documento assignado pelo escrivão e pelo juiz, consta d'este mesmo *Povo de Aveiro*, onde o annuncio judicial foi publicado. Não se pode duvidar. Não ha que duvidar. Pois o *souteneur*, o baixo, o infamissimo *souteneur*, o rufio que deslumbra com a infamia os rufios do Bairro Alto, da Alfama e da Mouraria, o alugado da *Margarida das Flores*, o miseravel que ainda se atreve a cha-

mar *baixo prostibulo* á casa que lhe matou a fome, o grilheta que se queixava no orgão da prostituição de ser *accusado sem provas*, quando nós accumulamos contra elle e os amigos provas sobre provas, o infame insiste. Insiste! Não se pode demonstrar melhor a vileza do caracter!

O orgão da amasinha do prior, do *mignon* que se gabava de pôr e dispôr da parochia de Santa Izabel, pela sua influencia sobre o prior, a Corneta d'aquelle *Trinta* pae que anda á pancada com o *Trinta* filho, injuriando-se mutuamente, o orgão d'aquelle Trinta filho que bate no pae e attenta contra o pudor da propria mãe, um grande canalha, que seria symbolo se o partido republicano não estivesse cheio, pejado de symbolos como elle, o orgão da amasinha do prior e Corneta dos dois Trintas sabe perfeitamente que *nunca abandonámos mulher e filhos*, como o orgão da *Margarida das Flores*, e do prostituto que dá pelo nome de França Borges, sabe perfeitamente que não ha processo nenhum pendente contra nós na Boa Hora, nem allegações que não estejam desfeitas pela decisão *unanime* d'um tribunal, entrando n'essa *unanimidade*, é claro, os tres membros do jury nomeados pela parte accusada para sustentar as suas allegações. Não obstante insiste, como insiste o orgão da Margarida das Flores, e do prostituto que no prostibulo era conhecido pelo *Lulú* e no mundo da politica e da redempção nacional pelo *honrado jornalista França Borges*.

Ah, como o Pechuga tem razão para se envergonhar no Limoeiro d'estes camaradas da republica!

Se o Pechuga está no Limoeiro. Ou esteja no Limoeiro ou esteja no degredo, pedimos a quem quer que seja que superintenda sobre elle, sobre o Pintor, sobre o Motta, sobre o Henriques, sobre o *Petiz das gravatas*, todos elles ex-socios de centros *escolares* republicanos, donde os expulsou, diga-se em honra da republica, a policia e não os correligionarios, pedimos a quem quer que seja que superintenda sobre elles, que repare, por um trato humano, por todas as concessões e benevolencias possiveis, a grande injustiça relativa de que são victimas essas pobres creaturas. Onde vivem á solta, e não só á solta:—honrados, glorificados, sobraçando glorias e benesses, o ladrão do Affonso Costa, o cavalheiro d'industria do Cunha e Costa, o *Petiz dos Cordões* e *Zé dos Moinhos*, o Trinta pae e Trinta filho, o intemerato Arthur Leitão, o estylistico escriptor e rendilhado jornalista e ao mesmo tempo incestuoso *ad magorum gloriam republicæ*—Padua Correia, o Ribas d'Avellar, o Henrique Cardoso, o prostituto Margarido, ultima synthese da perversão moral do rufio, é uma flagrante injustiça, chega a ser um *revoltantissimo* attentado, que pede quasi energias como as que acudiram em defesa de Dreyfus, manter na cadeia, mandar para a Penitenciaria ou para a grilheta, o Motta, o Petiz das Gravatas, o Henriques, o Pechuga, o Pintor. E' uma das grandes injustiças, é uma das grandes infamias da sociedade portugueza, demais a mais n'este periodo d'aurora redemptora. Do fundo da enxovia, das galés, do outro mundo, hão de gritar *injustiça, infamia*, o Pechuga, o Petiz, o Motta, o Henriques, o Pintor, e com esse grito de verdade e de justiça perseguir a *consciencia portugueza* até á liquidação d'esta terra como povo livre, como povo independente.

Ah, que o Pechuga tem razão para se envergonhar no Limoeiro dos *camaradas* da republica!

Mas bem. Os infames, depois de affirmarem que abandonámos mulher e filhos, ainda vão buscar o filho para instrumento das suas infamias contra o pae!

Damos a esse filho, um rapazola, já com encargos materiaes, pela sua má cabeça, a que não pôde fugir, quarenta mil reis mensaes. Não tirados ao seu patrimonio, ou ao seu futuro patrimonio, á fortuna do casal, *que não existe*, mas ao nosso trabalho insano, em que se nos consome a vida, a correr. Pagâmos-lhe, alem d'isso, a renda da casa. Não lhe chegando, de vez em quando escreve-nos a lamentar a sua má situação e a dizer-nos que *somos o seu unico amigo*. Lá o vamos buscar para casa, onde chega estafado, quasi tisico. Engorda, mas, assim que engorda, ahi vae elle... pregar por o mundo anarchismo! *Indignar-se* contra todas as *prepotencias*, contra todas as *formas da tyrannia*, na qual entra, sem duvida, a *tyrannia paterna*, que lhe perdoa todos os dislates, todos os disturbios, todos os attentados e que á custa da *sua vida*... o alimenta. Os *camaradas*, os *margaridos*, os *pechugas*, os *patifes* applaudem-no calorosamente, com o que o pateta fica muito ancho, sem reparar em que é pateada para o pae, em vez d'applausos para elle. E no dia seguinte os *camaradas*, escrevendo que outro *camarada* sublinhou a palavra *filho* para que o nome do *camarada filho* se não confundisse com o *d'outrem* indevidamente, escrevem ao mesmo tempo, nas mesmas gazetas da prostituição, nas mesmas gazetas d'infamia, que o pae, que dá áquelle filho os meios de fazer aquillo tudo, d'outro forma já esse filho teria morrido de fome ha muito tempo, abandonou... a mulher e os filhos!

O anarchismo, em Portugal, é isto. A republica, em Portugal, é isto. Não é mais nada: é isto! Licção das mais eloquentes das que até hoje são apparecidas. E' isto! E os anarchistas, os *camaradas*, são isto! E são isto... os republicanos, *camaradas* dos anarchistas!

Devemos dizer, é de absoluta justiça dize-lo, que o rapaz não é mau. Não tem mau caracter. Não é, de forma nenhuma, um pulha. Porque se no meio d'essa corja ainda alguns apparecem doidos, mas dignos, esses alguns são anarchistas. Raros são. Geralmente o anarchismo é a hysteria nas suas peores formas pathologicas, é o crime. Raros são. Mas alguns ha, doidos, sim, mas dignos. Anarchistas! Republicanos, não. Esses não são doidos. Esses são pulhas. Faz differença. E registe-se a differença em honra dos anarchistas. E' de absoluta justiça.

O rapaz não é mau. Não se presta á especulação dos pulhas. Depois de cahir na esparrela, é que conhece a patifaria dos *camaradas*, e fica pezaroso, e indigna-se. Não é mau. Até é bom, no fundo. Tem caracter e é digno. Mas... falta-lhe uma parcella de juizo. E contra isso... o remedio está nas caldas.

E' fanatico. E no religioso ou no leigo, toda a gente sabe quanto são invenciveis as correntes do fanatismo.

Na sociedade portugueza ou se nasce com o cerebro muito forte, muito bem constituido, ou está-se irremediavelmente perdido. Porque, ou a gente ha de trazer a creatura, desde que nasce, dentro d'uma caixa, sem contacto com ninguem, e n'esse caso a educação pode compensar d'alguma forma os defeitos organicos que vieram com o nascimento,—se não nos fizerem como a outra da *Historia das Mil e Uma Noites* que até nos ermos, unicos sitios onde o gigante a tirava da caixa, commettia infamias logo que o gigante adormecia, — ou, se entregamos a creatura ao meio, se a deixamos ir á escola, se a deixamos privar com os companheiros, se a deixamos viver, emfim, o meio torna inteiramente inutil, inteiramente inefficaz a acção salutar que um homem só, com illustração e com juizo, possa exercer sobre a creatura.

Em Portugal quem nasceu doido, nasceu doido. E desde que o Bombarda é o peor dos doidos, nasceu doido e não se cura.

Para que a nossa desgraça seja completa, para que a anarchia seja extrema, para que se veja que não ha salvação possivel... até os medicos dos doidos são os maiores doidos... do paiz!

Desgraçado povo! Patria infeliz!

Teem razão

Entre outras coisas, dizia no ultimo domingo o *Diario Illustrado*.

Governem muito embora á sua moda os que teem governado, que o paiz os contempla e admira, e vae experimentando e devidamente apreciando os beneficios de tão exemplar administração. Baldadamente porém pretenderá, quem quer que seja, escurecer o valor da obra effectivamente realisada pelo ministerio regenerador-liberal, nas suas duas phases, e mesmo quando ella seja considerada apenas no seu valor absoluto quanto mais em confronto com a pasmosa esterilidade das gerencias que se lhe succederam, aliás vivendo em paz podre e sempre mais ou menos apoiadas e auxiliadas (bem ao contrario do que com aquella aconteceu) por todos os partidos monarchicos.

Nem se procure tambem confundir e baralhar os factos que já são da historia, inculcando o partido regenerador-liberal como uma facção anti parlamentar, quando é certo e sabido que o seu governo em dictadura não foi mais que um incidente determinado por imperiosas exigencias de ordem e de salvação publica.

Pelo contrario, esse ministerio—tendo implantado o respeito pelo suffragio, n'umas eleições reconhecidas como honestissimas por todos os seus adversarios; tendo acatado a representação parlamantar dos proprios inimigos da Monarchia, que andavam escorraçados da Camara por via de fraudes successivas; tendo restabelecido o prestigio das assembléas legislativas n'uma sessão de seis mezes, orientando e dirigindo uma maioria exemplarmente escrupulosa, e offerecendo emfim ao paiz o espectaculo d'um Parlamento que nem de longe nem de perto se assimilhava aos que o haviam precedido ou áquelle que ahi está—esse ministerio, diziamos, foi exactamente dentro do Parlamento e com o Parlamento que exerceu essencialmente uma grande parte da sua acção; senão da sua acção legisladora, porque lh'o não deixaram, ao menos da sua acção moralisadora e educativa, cujo influxo ainda apesar de tudo se sente, quando mais não seja no cuidado com que agora se procuram mascarar certos abusos e illegalidades, d'antes commettidos á clara luz do dia, e com orgulho...

Não é preciso nem é facil ennumerar as providencias legislativas publicadas durante todo o consulado do partido regenerador-liberal, as quaes só no tempo da dictadura se representam por setenta e tantos decretos, e ainda menos azado é analysar n'um curto artigo toda a vasta influencia d'esse governo na administração e na politica do paiz. Não pôde o gabinete levar até o fim o seu programma de concessões liberaes e democraticas, porque o desempenho d'essa parte dos seus compromissos, dependendo evidentemente de algumas circumstancias alheias, á vontade dos ministros, podia ser propositadamente embargado, como foi, pelos excessos demagogicos d'aquelles que, por viverem á sombra das represalias do poder, encontrando a sua razão de existencia unicamente nas declamações rhetoricas contra essa represalias, não queriam nem lhes convinha a pratica de um verdadeiro e sincero regimen liberal, que os deixaria a braços com a sua assombrosa incompetencia para tudo quanto não seja gritar e esbravejar com as *yarannias do regimen*.

Foram assim os republicanos os unicos e efficazes inimigos da Liberdade e da Democracia, quando raivosamente trataram de impossibilitar a sincera e fiel observancia dos principios mais rasgadamente liberaes e democraticos por parte de um governo monarchico que ameaçava pôr termo á eterna *chantage* das *oppressões*, das *violencias*, das *prepotencias*, das *arbitrariedades do poder*, á custa das quaes todos esses patriotas preenchem a sua acção politica, e alguns o ventre.

Déram-lhes a liberdade de reunião, e elles, que até ahi não falavam sem terem ao lado um policia, que breve lhes fazia submissamente engulir alguma expressão mais equivoca, não soubéram aproveitar essa regalia senão para injuriar o Rei, a Familia Real e o tolerante chefe do governo que por longo tempo lhes consentiu a ejaculação de similhantes improperios. Déram-lhes a liberdade de manifestação, e elles, que até ahi não se juntavam em grupos de cinco ou seis, sem que viesse logo um chanfalho a pol-os em facil debandada, não souberam fazer mais do que soltar uivos e morras, e por fim, perante a inefficacia ainda d'estes attentados contra a ordem, aggredir e apedrejar o proprio Presidente do Conselho que tudo isto lhes permittia, e os seus amigos, quando andavam democraticamente e no uso do mais sagrado direito, fazendo nos centros de Lisboa a sua propaganda eleitoral.

Déram-lhes a liberdade de imprensa, e os mesmos escrevinhadores, que humildemente submettiam as suas garatujas, todas as manhãs, ao lapis grosso e brutal da censura, esperando em ancia, com as machinas paradas, a licença policial para pôrem á venda as pallidas e cautelosas lérias que lhes deixavam circular—logo usaram da *liberdade de imprensa* unicamente para o que lhes permittia a sua capacidade reduzida, que era calumniar, diffamar, insultar, e lançar no espirito publico a semente da mais nociva propaganda de todos os attentados, de todas as violencias, de todos os crimes.

Deram-lhes a representação parlamentar, e do seu trabalho em Côrtes que está registado nos annaes respectivos, não constam egualmente senão improperios, injurias e insultos, até que reeconhecendo afflictivamente a propria incompetencia, vencidos em todas as discussões, se lançaram no camtnho dos tumultos e por fim da revolução, a um tempo comica, pela ausencia de qualquer plano e de quaesquer probabilidades de exito, e perversa e tragica pelos meios abominaveis com que se contava realisal-a, entregando Lisboa á mais pavorosa anarchia e ás atrozes violencias de dynamitistas recrutados na infima escoria da capital.

A isto obtemperou o governo, não metralhando na occasião propria os executores do infernal pensamento, mas fazendo deter a tempo e horas aquelles dos dirigentes, que ainda mais a tempo e horas não fugiram.

Foi crueldade do governo não deixar á solta os revolucionarios, que tanto se affligiram por causa da sua pelle em perigo, mas que não ligavam a minima importancia aos centenares de vidas que queriam ceifar, nem ás demais consequencias de uma noite de anarchia n'esta capital? Responda a consequencia publica!

Tal é em esboço, e apenas nos seus aspectos mais evidentes, a historia politica do ministerio regenerador liberal.

Da sua obra administrativa falaremos depois, muito embora devessemos talvez ter falado antes, visto que é porventura na rigidez dos seus processos administrativos que se encontra tambem, em grande parte, a explicação das atribulações da sua vida politica.

Teem razão, teem muitissima razão. E a auctoridade que nós temos para dizer *teem razão*, conhecem-na os franquistas melhor do que ninguem.

Conhecem-na os franquistas em relação ao franquismo, conhecem-na os progressistas em relação ao *progressismo*, e conhecem-na os regeneradores com respeito á regeneração.

Não podendo contestar a verdade das nossas affirmações, incapazes de responderem aos nossos argumentos, os quadrilheiros da republica teem-se limitado sempre a accusar-nos de *vendido* aos varios governos, d'agente e espião da monarchia.

Ora como nós nos temos vendido, a *paga* que nos teem dado, sabem-na os marechaes do partido regenerador das varias vezes que o partido regenerador tem estado no poder, os marechaes do partido progressista das varias vezes que o partido progressista tem estado no poder, e os marehaes do franqutsmo de quando o franquismo esteve no poder.

Sabe-o a gente da corte em relação á espionagem mantida pelo Paço, e sabem-no os clericaes em relação... ao clericalismo. Porque, agora, até estamos vendidos... ao jesuitismo.

Sabe-o toda essa gente. E basta para garantir a nossa auctoridade.

O *Diario Illustrado* tem razão. E o que elle diz em relação aos republicanos, dissemo-lo nós aqui centos de vezes, desde o dia seguinte áquelle em que o franquismo foi poder.

Uma vez, João Saraiva, que conheciamos do jornalismo mas que não vimos ha muitos annos, encontrou-nos em Espinho e perguntou-nos: "Mas porque ataca você tanto o João Franco?„ "Porque não acredito n'elle.„ "Pois engana-se. O João Franco tem boas intenções. O João Franco é sincero.„ "Que o prove quando for ao poder. Eu estou farto d'intrujões, meu amigo, e o paiz tambem. Estou cançado d'esses prophetas, que me causam mais do que aborrecimento, que me causam indignação. Mas o amigo diz que João Franco é sincero e tem boas intenções? Pois bem. Eu espero *a prova do poder*. Se elle o provar no governo, creia que o não atacarei.„

Foi João Franco ao poder. Eu detestava os franquistas d'Aveiro com os quaes andava em guerra aberta. Não tinha relações com nenhum vulto franquista do paiz, nem tenho hoje ainda. Nada me podia levar a applaudir os actos de João Franco senão o espirito da verdade e da justiça.

Mas João Franco iniciou o seu governo com medidas liberaes e com actos de boa administração. E eu fiz justiça a João Franco. E eu indignei-me com a politica *porca*, anti-democratica, anti-patriotica, asnatica, dos republicanos.

No meio das minhas paixões, que tambem as tenho, e atravez dos impetos do meu temperamento, subsistiu sempre em mim um fundo inabalavel de verdade.

Foi esse *amor da verdade* que sempre dominou o meu temperamento, foi esse espirito de justiça, que nunca pude nem quiz abafar, que me acarretou os odios ferozes dos republicanos.

Elles que digam o que quizerem e que façam o que quizerem. Mas a verdade, a grande verdade, é que a sua politica com o franquismo foi mais do que asnatica, foi infame.

E os franquistas teem razão, muitissima rãzão, quando os accusam do naufragio da politica parlamentar e democratica, e da administração honesta, que João Franco iniciou e quiz manter.

Teem razão. Teem muitissima razão!

No proximo mumero abriremos uma secção contra as irregularidades dos correios, que estão constituindo uma das coisas mais vergonhosas d'esta terra.

E' um relaxamento que brada aos céos.

A grande quadrilha

Do sr. Cálem Junior recebemos a carta que se segue:

... Sr. Director de "*O Povo de Aveiro*„

Um amigo meu acaba de informar-me que o jornal *O Povo d'Aveiro*, em correspondencia d'esta cidade, pretende envolver o meu nome n'uma questão qualquer de *compra de heranças*.

Ora, como nunca nem directa nem indirectamente entrei em negocios escuros e como, portanto, a informação prestada a V. representa apenas uma invenção calumniosa, venho rogar a V. a fineza de convidar o seu correspondente a esclarecer a sua asserção com dados precisos, authenticando-a com a sua assignatura, como faz quem se subscreve.

De V.
Mto, Atto. Vendr.

Antonio Alves Cálem Junior.

Tem a palavra, se quizer, o auctor da carta a que demos cabimento no domingo ultimo. Não precisa de publicar o seu nome, como exige o sr. Cálem Junior, porque este jornal tem um director que assume *todas as responsabilidades*.

Mas é claro que precisa de ser *mais minucioso e verdadeiro*. D'outra fórma, o sr. Cálem Junior tem razão.

Estamos farto de pedir *verdade. Rigorosa verdade*. Ainda o pedimos nos commentarias á carta a que o sr. Cálem Junior responde. Ahi diziamos: "Não precisamos de responsaveis. Responsaveis sômos nós. Só precisamos, tambem já o dissemos, de verdade. De rigorosa verdade. No interesse da causa. No interesse de todos que por ella se empenham. Sem verdade, em vez de servirmos a causa, prejudicamo-la.„

Assim diziamos no domingo ultimo. Assim dizemos hoje. Assim temos dicto sempre.

O sr. Cálem Junior não tem boa reputação. E a quem nós ouvimos sempre dizer mal d'elle não foi aos monarchicos, foi aos republicanos. Não conhecemos, porém, contra elle, nenhum facto preciso, como conhecemos contra muitos outros aos quaes accusamos de sciencia certa.

Emfim, o nosso informador dirá o que quizer. Mas, repetimos, *verdade acima de tudo*. Com verdade e por verdade vamos até ao inferno. Mas sem verdade não contem comnosco.

Tambem recebemos do sr. Magalhães Moura, de Benavente, a carta que se segue:

...Sr. e meu prezado amigo.

Acabo de lêr o seu mui lido e bem redigido semanario, e n'elle vi, n'uma carta que d'aqui foi enviada, uma allusão á minha humilde pessoa, pela qual se póde deprehender, que eu não costumo guardar o sigillo profissional. Não só por este motivo, como tambem porque me attribuem a paternidade da alludida carta, espero dever a V. a fineza, alem de muitas outras de que lhe sou devedor, de publicar estas mal alinhavadas linhas, no proximo numero do seu acreditado *Povo de Aveiro*. Devo dizer que ha muitos annos estou de relações cortadas com o sr. dr. Anselmo Xavier, e que é só pelas razões que ficam adduzidas e por amor á verdade, que venho declarar que não escrevi a referida carta. Por tudo se confessa muito penhorado quem é com a mais subida consideração e estima

De V.
am.º velho, cr.º att.º venr. e mto. obgdo.

Casa de V.—Benavente
13-9.º-909

Idylio Leopoldo Magalhães Moura

Não ha duvida nenhuma. Não foi o nosso amigo, o sr. Moura, o auctor da carta que no ultimo domingo publicámos. O sr. Moura *não quebraria o sigillo profissional*. Toda a gente lhe fará essa justiça. Mas nem só pelos advogados ou pelos medicos se sabem... os segredos dos clientes.

Olha a mulher do enfermeiro a dar á lingua! E o enfermeiro! E o moleiro! E a mulher do moleiro! E o primo do moleiro! E a prima do enfermeiro!

Emfim, *essas* do nosso velho correligionario Anselmo Xaxier são... *absolutamente verdadeiras*.

Agora uma muito interessante sobre o Bombardino Rachado. O maroto do Bombardino Rachado!

O hypocrita! O farçante! O velhaco!

Pouco depois de terminar a formatura, conseguiu o Eugenio de Castro uma cadeira de professor de francez não sei se no liceu, se em alguma outra escola official de Coimbra: Instituto ou coisa que o valha. Começou de falar-se ao tempo em uma reforma d'instrucção. Era ministro, creio que das Obras-publicas, o tal Bembomsinho. Eugenio de Castro encontrando-o manifestou-lhe bem justificado desejo de não ser prejudicado por tal reforma. O Bernardino, toda a gente está a ve-lo, por entre os seus costumados salamelequeques, disse-lhe logo que ficasse absolutamente descançado, que por forma alguma seria prejudicado. Dias depois o actual ministro do Reino, então governador civil de Coimbra, offereceu-se para sobre o mesmo assumpto falar ao Hintze Ribeiro, então no governo. Agradeceu-lhe, declarando não ser preciso incommodar-se, attenta a formal promessa do Bernardino.

Passado tempo e depois de varios encontros do Eugenio com o Bernardino, recebe o Eugenio convite d'aquelle para almoçar comsigo no dia seguinte ás 10 h. da manhan. O Eugenio que segundo me disseram e e em me recordó estava em Belem, isto passa-se ems Lisboa, comparece extranhando a hora.. Fez-se annunciar, mas aguentou-se na sala ate quasi ao meio dia. Apparece então o figurão que se desculpa com noite perdida e coisas mais. Vão para a mesa e no fim da refeição, com o seu ar de quem soffre profundamente um desgosto alheio, diz-lhe que apesar de todos os seus esforços, nada podéra fazer em seu favor. O Eugenio estranha que só então lh'o fizesse saber depois de conhecer o offerecimento do Wenceslau de Lima. Pois agora é tarde, desde as 10 horas que deve estar na rua o "Diario do Governo„ com o decreto. Até aqui vamos menos mal mas, passados dias, um amigo do Eugenio que era das relações do Bernardino, encontrando aquelle, aborda o asumpto e diz; o Bernardino falando-me em ti disse: "Tenho pena de ter prejudicado o Eugenio, gosto d'elle, mas que tenha paciencia; Obtive nos primeiros annos da minha formatura as primeiras classificações e quando cheguei á cadeira do pae do Eugenio baixou-m'as e francamente nunca pude esquecer isto„

Que diz V. a isto!? Ha tempos, no Porto, um amigo em quem ha muitos annos deposito a maior confiança, contou-me esta parodia ao "Lobo e Cordeiro„ da fabula. A elle foi isto contado por quem lhe disse ter ouvido tal monstruosidade da bocca do proprio Eugenio de Castro.

Pode fazer o uso que lhe aprouver d'esta minha carta porque ahi fica, creio bem, a expressão rigorosa da verdade, attendendo á probidade de quem tudo me refe.iu e, que diz? não tem mesmo toda a feição do auctor?

E' elle, muito bem apanhado. E' elle! Pois se o desavergonhado deixou de querer mal ao diabo para querer mal ao Santos Viegas, porque o velho lente de physica nem pelo inferno se convencia de que o *Antonio* era um talento!...

Agora esta, d'Evora, para finalisar:

Acompanhando esta carta, vae meia folha do ultimo numero da gazeta da infima quadrilha republicana d'esta terra, com um suelto marcado a tinta—por contender com V.

Leitor do *Povo de Aveiro* ha perto de trez annos, de comprador avulso passei a assignante por, então, se não vender em Evora, ha coisa de mezes.

Remetto-lhe o papelucho por saber que aprecia muito zurzir um quadrilheiro e, álem d'isso, não se incommoda. Temo-lo V. a declarado, por vezes, no *Povo de Aveiro*; e eu, que son novo, sincero e uso de franqueza—que é a qualidade mais caracteristica d'esta provincia do Sul—creio-o, a V., incapaz de declarar o que não sente,

Ahi lhe chegará, pois, ás mãos a infima gazeta. A gazeta fundou-a o charlatão do Evaristo Cutileiro. Fundou-a, emprestou-lhe o nome para a cabeça e encheu-a de incoherencias durante um certo tempo. Elle, porém, era, e é, um doente. E não podia sósinho com a carga. Não sabemos como foi desencantar um bello dia em... não sei onde, aquelle José Bento Rosado que hoje figura como proprietario.

V. não conhece nem nunca, certamente, ouviu fallar no desgraçado. Nós, perdão, eu não lhe conheço os antecedentes.

Sei apenas que aquelle José Bento Rosado é filho de um fallecido professor primario; que entrou para secretario da redacção da gazeta do Evaristo estando paralytico e entrevado, sem poder dar um passo.

E' elle a alma da quadrilha cá na terra; em gente de qualidade, acima d'elle, não tem rival indigena—que o partido aqui é numeroso, talvez, na plebe ignara.

No mais, não. Compõe-se de um medico, parvalhóte, de um chapelleiro, maldizente, de um caixeiro, atrevidóte, de meia duzia de commerciantes fallidos, de uma duzia de pequenos commerciantes, de um *proprietario* filho de um muito antigo ex-secretario geral d'este districto que fugiu precipitadamente para o Brazil, onde morreu miseravelmente, por causa do desapparecimento de algumas desenas de contos de reis e... anonymos cidadãos, como em toda a parte onde impére a ignorancia e dois ou tres hypnotisadores baratos.

Emfim; a alma da quadrilha é o entrevado da Freiria. O desgraçado ali vive encláusurado, sempre com medo de que lhe vam bater, mas sempre a vomitar injurias á sombra da sua invalidez, confiado em que ninguem ousará tocar-lhe; n'elle que precisa do escandalo para vender a papeleta, da qual vive gosando a maior impunidade nos insultos.

A' sombra do desgraçado sahem muitas picuinhas para que elle só empresta a sua miseria.

No casinhoto—que é a séde do Centro Democratico Republicano Liberdade — onde vive enclausurado o misero, não pode saber-se o que se passa por fóra, sem que lh'o vam lá dizer.

E elle, desgraçado paralytico, tambem precisa ganhar a vida e... lá vae, descompondo este hoje, ámanha aquelle, uma revolta constante contra o mal physico—de que nem aquelle nem nenhum dos injuriados tem culpa.

Por aqui ningem ousou ainda atacar fortemente o misero porque, pensar-se na desgraça do patife, toda a gente se possne de dó pela sua miseria.

E elle lá *vae grimpando!*

E' um partido unico, o partido republicano portuguez!

V. o tem dito, ignorando, talvez, que era o unico partido com um *vigoroso jornal de combate* dirigido por um *fogoso* campeão entrevado e paralytico, que existia em Portugal!

Fica-o sabendo agora, por que lh'o diz quem nunca mentiu e é um dos assignantes, que maior propaganda tem feito do *Povo de Aveiro*.

Somma e segue.
Continuar-se-ha a instaurar... o *dossier*.
E esperamos coisa boa para domingo.

ULULANDO SEMPRE

Mandam-nos do Brazil, S. Paulo, uma gazeta—*Patria Portugueza*—orgão do Centro Republicano Portuguez, onde um correligionario do Pechuga e do... honradissimo Cunha e Costa se atira a nós, desesperado, com as ferraduras e os dentes.

Fica para domingo esse patife. Hoje não ha espaço. Alem d'isso a vergalhada já é tanta que poderia chegar a parecer. ... vergalhada de mais.

Ficas para domingo, patife!

Mas vejam como nós lhes temos chegado fundo! Até do Brazil, de todas as gazetas republiqueiras, elles tentam escoicear-nos!

De todas as gazetas republigueiras! Com esta já são tres de que temos conhecimento!

Apre, que lhe chegámos ao vivo!

Ainda bem.

Politica de miseraveis

Assim intitula o *Margarido* columna e meia de prosa, com transcripções do *Povo de Aveiro*, feitas pelo Maduro, cá da terra, a demonstrar que já elogiámos... o Affonso Costa!

E vá que se não é o *Margarido* ainda agora estavamos ignorando que o Maduro se dava á tarefa... de nos ladrar aos calcanhares.

Imaginem por aqui, os leitores de fóra d'Aveiro, a importancia que tem o Maduro mais a sua papeleta (porque o Maduro tem papeleta)... cá na terra. Imaginem! Conversando com varias pessoas todos os dias, apesar da minha vida retirada, tem tal importancia o Maduro que nem uma só nos tinha dicto ainda: *olhe que o Maduro anda-lhe a ladrar aos calcanhares!*

Nem uma só! A importancia do Maduro e do partido republicano local, de que o illustre Maduro, mais o seu compadre Termónocú, são os dois melhores marechaes.

Ainda tem menos importancia do que o Trinta em Abrantes, o Sebastião Mesquita em Chaves, o Rosado em Evora e o Berger em Lagos. Que elles regulam todos uns pelos outros, valha a verdade.

Que já elogiámos o Affonso Costa! pois se até elogiámos o Termónocú e o Maduro!... Até já elogiámos o Maduro! E' realmente um argumento de botar abaixo.

Não nos entra em casa nenhuma creada de servir que não nos apanhe elogios no primeiro dia. Qual é o leitor a quem não acontece a mesma coisa? Todas as creadas de servir são optimas nos tres primeiros dias de casa. A gente não faz senão dizer: *Parece muito boa*; *agora acertámos*. Ao fim de tres meses concluimos que ainda não nos tinha entrado em casa... maior desavergonhada!

Nós, com o Maduro, não foi ao fim de tres mezes. Mas pouco mais!

Com todos os homens da nossa cathegoria succede isso. Temos encontrado centos de Maduros na nossa vida de homem publico. São uns borrabotas com mania de figurões e litteratos. Para elles é um encanto engraxar as botas aos homens que o publico, bem ou mal, considera homens notaveis. Mas teem um grande defeito, esses diabos. Querem que a gente os sente ao seu lado. Se a gente um dia lhes diz, aborrecido com tanta graxa e tanta idiotia: *ande lá para traz*, ou não lhes dá a *importancia* que elles, na sua eterna aspiração á grandeza, ambicionam, saltam, sem transição, de engraxadores a cães, e pôem-se a ladrar.

O pateta do Maduro! O patetoide! O idiota! Olha a grande coisa: considerar um homem boa pessoa emquanto se lhe não conhecem os maus habitos! Mas não ha um só homem na vida a quem não tenha succedido esse *percalço*. Um só homem na vida! Todos, todos, teem dicto mais ou menos bem d'uma creatura de quem depois passaram a dizer mal. Todos! O pateta do Maduro! O patetoide! O idiota!

Pois o que nos faz conhecer as pessoas senão a experiencia? Como haviamos nós de conhecer o Maduro se elle um dia não nos tem dado um coice d'onagro? E da pessoa que se approxima de nós sem nós a conhecermos, que fazer, senão dizer bem? Nós todos começamos por dizer bem d'aquelles de quem acabamos por dizer mal. Nós todos! E dizemos tanto mais bem quanto mais hypocrita é a pessoa que vimos finalmente a conhecer como desavergonhada.

O pedaço d'asno do Maduro! O idiota!

Que, ainda assim, nós pouquissimos elogios fizemos ao Affonso Costa. Pouquissimos! Alguns dos poucos que sahiram no *Povo de Aveiro*, os mais bombasticos, nem foram escriptos por nós.

Esse caso Affonso Costa é tudo quanto ha de mais simples e de mais natural.

O *Povo de Aveiro* foi querelado pelo ministerio publico. Estavamos nós em Vizeu. Escrevemos d'alli a Joaquim de Madureira, residente em Lisboa, perguntando-lhe se nos arranjava um advogado, *que não fosse muito caro*, mas que soubesse dizer com arte quatro palavras, para vir a Aveiro defender o jornal. Madureira respondeu-nos: *Vae o Affonso Costa e vae de graça*.

Não conheciamos o Affonso Costa, que nem mesmo ainda hoje conhecemos. Nunca o vimos. Nunca trócámos com elle uma palavra. Não nos lembra agora se insinuámos o nome d'elle a Madureira. Mas parece-nos que não. De qualquer forma, nós não conheciamos então o *grande parlamentar*, não o convidámos e tudo se passou entre elle e Madureira. Quem verdadeiramente, n'essa altura, nos obsequiava, era Madureira e não Affonso Costa.

Quem era Affonso Costa? Ignoravamos. Tinhamos andado em Coimbra a conspirar com os estudantes. Lá conhecemos João de Menezes, Francisco Bastos, Silvestre Falcão, Francisco Vieira, Pires de Carvalho, Cunha e Costa, Antonio José d'Almeida, Francisco Couceiro, e outros mais. Affonso Costa, não. Era então, ainda, em 1890, uma figura secundaria, apagada. A primeira vez que ouvimos falar n'elle foi pela eleição da peste no Porto. Esse malandro surgiu com a peste. Mau agoiro!

Ora foi pouco depois que o *Povo de Aveiro* foi querelado. Já se tinham aberto as cortes, já Affonso Costa tinha falado e a impressão a respeito d'elle era boa em todos aquelles que só o conheciam, como nós, pelo seu inicio parlamentar. Naturalmente, elogiámo-lo. Não estando porem, em Aveiro, não fizemos, não podiamos fazer, o resumo da sessão do tribunal em que o *Povo de Aveiro* foi julgado. Que isso é o menos. Se o fizessemos nós, os adjectivos não seriam tão bombasticos, mas nem por isso deixariamos de render louvoures ao *nosso advogado*. Prestava-nos então um serviço, embora indirecto, e a nossa impressão a seu respeito era boa e desconheciamos inteiramente o seu caracter. Tres motivos para que o elogiassemos.

Acabado o julgamento escrevemos-lhe a perguntar-lhe quanto lhe devíamos. Respondeu-nos que não levava dinheiro por motivos politicos ou religiosos quando as victimas das perseguições eram republicanos. Agradecemos-lhe e conservámos a seu respeito boa impressão até ao conflicto do Porto, com Sampaio. Ainda então escrevemos algumas linhas no *Povo de Aveiro* a seu favor. Mas Duarte Leite escreveu-nos n'essa altura uma longa carta, que conservamos, como todos os papeis que entram n'esta casa, uma longa carta a proposito do conflicto com Sampaio, e em resposta ao artigo do *Povo de Aveiro* favoravel ao *grande parlamentar*, e põz-nos a lume o caracter do bandido. «Você está mal informado, dizia-nos Duarte Leite, você não conhece os factos, você não conhece os homens, você não sabe como as coisas se passaram, e é indispensavel que você esteja bem informado.» E por ahi abaixo, coisas do diabo contra o *grande parlamentar*. Foi o grito d'álerta. O que se seguiu... sabe-se. Fomos tomando conhecimento de muita maroteira, fomos vendo que o homem era mais um desavergonhado, não nos tinhamos vendido pelo favor da defeza do *Povo de Aveiro* no tribunal, esse proprio favor elle desfez com uma velhacada e, repetimos, o resto... sabe-se.

Eis o nosso grande crime!

Louvámos um homem emquanto o suppozemos honesto. Censurámo-lo quando o conhecemos deshonesto. Crime imperdoavel para o Margarido, para o Maduro, para o Trinta, para toda a cafila de idiotas, maltrapilhos e malandros que constituem o partido da *redempção nacional*.

Já o sabiamos. Não era preciso o Maduro, mais o Margarido, confirma-lo. Para esses tratantes... o membro da quadrilha é sempre *boa pessoa*, seja boa ou seja má. E o que não fôr membro da quadrilha é sempre má pessoa... seja boa ou seja má.

Tratantes! Formidaveis tratantes!

Povo de Aveiro espanta elles

Está provado que *Povo de Aveiro* espanta elles!

Ora dada a impossibilidade absoluta de podermos satisfazer de repente os enormes pedidos de exemplares que nos chegam a toda a hora, os que se propõem arreliar os *papoilinhas* que façam isto: encarréguem os garotos dos jornaes de gritar nas *incursões* republicanas:

Cá está o Povo de Aveiro!

Não é preciso mais nada. Basta o grito. E verão o effeito!

De Nenhures

16 de setembro

No mesmo dia, domingo passado, em que o publico podia ler a minha carta, recebia eu uma das muitas revistas extrangeiras que entram n'esta casa, e as quaes, como já lhe disse, nem leio, a maior parte das vezes. Não tenho tempo. Mas n'uns minutos de descanço abri essa — *Les Documents du Progrès* — e prendeu-me a attenção precisamente o ultimo artigo, intitulado *L'abaissement de la natalité en Amérique et en France*, no qual o doutor Félix Regnault, que o escreve, fornece magnificos subsidios a favor da these que eu na ultima carta sustentei.

Malheur aux nations dont les femmes craignent la maternité. Felix Régnault começa por estas palavras proferidas por Roosevelt n'um discurso celebre. *Desgraçadas as nações onde as mulheres receiam a maternidade*. Sem duvida. Mas, como Felix Régnault observa e demonstra, são as duas nações que constituem a guarda avançada da democracia no velho e novo mundo, a França e os Estados Unidos, precisamente aquellas onde as mulheres teem medo á maternidade.

E' o que eu lhe disse no domingo, meu amigo. Eu ainda não tinha lido esse numero,—que, como já disse, chegou no mesmo dia,— da revista *Les Documents du Progrès*. O auctor do artigo não conclue, como eu, ao contrario, pela extincção da nossa civilisação. Em nenhum artigo dos que eu tenho lido, a manifestar o receio d'um fim proximo d'este nosso periodo de civilisação, vi ainda apontado como causa o egoismo em geral, e especialmente o egoismo que leva a mulher a fugir aos encargos da maternidade. Por um lado este egoismo. Por outro lado a esterilidade que resulta da febre do saber, do desenvolvimento intellectual. Mas nem eu preciso, nem precisa ninguem, de ler certas coisas para ver certas verdades. O facto evidente, eloquente, logico, claro, é que da extincção do elemento humano civilisado resultará fatalmente o predominio do elemento barbaro ou menos civilisado.

Fatalmente. Não é preciso ir á Grecia, nem mesmo alli a Coimbra, para ver isto. Mette-se pelos olhos dentro.

Sabe-se que a mulher mais *macha* que ha no mundo é a mulher americana. Pois é tambem a mais *intellectualisada*, a que *foge mais da vida domestica*, a mais *egoista*. Quando digo a mais *macha* que ha no mundo não quero dizer a mais *prostituida*. Não tomo a palavra *macha* n'esse sentido. Se a mulher americana é, no geral, a mais prostituida ou a menos prostituida, não sei. Ha quem diga que sim. Ha quem diga que não. Deve ser, pois que é a mais *masculinisada*. Eu tomo *macha* no sentido de *masculinisada*. Deve ser. Se a prostituição resultasse sempre d'um defeito organico, não se poderia fazer a affirmação. Mas a prostituição resulta muitas vezes, como se sabe,— embora não seja essa a prostituição *fundamental*, *angular*, por assim dizer,— da influencia dos costumes, da moral do meio. Ora a mulher tem tanto menos pudor quanto mais foge do seu sexo. Porque é um facto interessante: o homem tem tanto menos pudor quanto mais se approxima do *sexo fragil*. E a mulher tem tanto menos pudor quanto mais se approxima do *sexo forte*. Um facto interessante mas muito facil de explicar. Tudo quanto é *invertido* é falso e aberrante. A natureza não admitte *inversões*. A inversão é em tudo, na ordem physica como na ordem moral, a anomalia, o desarranjo, a perversão, a aberração.

O homem quanto mais homem, a mulher quanto mais mulher, no sentido nobre da palavra, que é o seu sentido são, o verdadeiro, mais pudicos. O efeminado ou o cadellão, como a *macha* brutal e viciosa, são excepções monstruosas da nossa natureza. São a vergonha da especie.

Ora por um lado a mulher americana é a mais *masculinisada*. E não faltam escriptores que a dizem *muito desmoralisada*. Mas, por outro lado, é na America que se formam e accentuam as mais formidaveis correntes a favor da pureza dos costumes. E' na America que existem os puritanos, os quakers, e não ha duvida nenhuma que teem ainda muita pureza os costumes d'essa gente. Sempre a tiveram e ainda a teem. Seja, porem, como fôr, moralisada ou desmoralisada, o facto é que a mulher americana é a mulher que no mundo mais se *approxima* do homem. Em tudo. Até... em não procrear. Em não gerar. Eu queria o termo proprio. Como sabe, nenhum d'estes termos é o termo proprio. Mas como o meu amigo é o primeiro a dizer que eu ás vezes tenho palavras que vão ferir os *ouvidos castos das meninas*, ampute-se a lingua portugueza, para não ferir... *os ouvidos castos das meninas*.

Sabe o que eu lhe digo, meu amigo? Não é a palavra apropriada, embora ella esteja um pouco fóra das praxes, que affecta o pudor. O que affecta o pudor é a *descripção*. Essa sim. Os realistas, os grandes escriptores realistas, são temiveis na descripção, na *pintura do natural*, como era Eça de Queiroz e Zola. Ora ahi é que está o perigo. Para o meu amigo, para mim, para todas as almas e intelligencias bem formadas, a pintura exacta do vicio e do crime não faz mal nenhum. N'essas, o escriptor realista consegue o seu fim: torna mais profunda a repugnancia ao vicio e ao crime. Mas nas intelligencias curtas e nas almas porcas, exactamente as que convem limpar, arejar, beneficiar, exactamente as que precisam de hygiene, não. N'essas produz effeito contrario.

As meninas, ainda as mais honestas, podem perfeitamente ouvir os meus termos, ainda os que mais ferem o tympano. O que não podem ouvir e o que não deviam ouvir é aquillo que *eu não digo*, e que ellas dizem... aos ouvidos umas das outras.

Mas, vá lá. Gerar, procrear, applica-se tanto ao homem como á mulher. Mas como o termo proprio não é termo de salão... deixemos em reticencias o termo proprio, mesmo porque as meninas castas immediatamente preenchem a reticencia. Immediatamente. Pode o meu amigo ter a certeza.

Ora as bellas das americanas não *geram*. O diabo do termo, que nem sequer é euphonico!

A natalidade americana — di-lo o dr. Felix Régnault e nós já estavamos fartos de o saber—é inferior, ainda, á natalidade franceza. Sem a emigração, a população americana estaria de ha muito reduzida a proporcões minimas. Mas o peor é que os emigrantes depressa adquirem os costumes e perfilham as idéas dos americanos, e a procreação entre elles diminue, logo que se tornam... americanos.

Les femmes, indépendantes et personnelles comme les hommes, ont plus de répugnance encore pour les travaux grossiers. Si elles n'ont point de fortune, elles seront institutrices, demoiselles de magasin, journalistes, mais jamais cuisiniéres, femmes de chambre ou trayeuses. Elles ont en horreur le ménage, la cuisine et voudraient que tout se fît á la machine.

Les femmes de haute classe ne sont pas seules á cultiver leur personnalité. Celles qui se résignent á rester ouvrières sont mauvaises ménagères, dédaignent l'économie, dépensent beaucoup plus que leurs sœurs d'Angleterre, et surtout de France et d'Allemagne, en toilette et colifichets. Et, si les objets de premiére nécessité: pain, viande, chaussures communes..., sont á bas prix, le surpeflu est extrêmement cher. Un Anglais, qui a bien étudié la vie des Américanis, M. Bryce, disait avoir été surpris, d'abord, de n'apercevoir dans les trains du Far West que des femmes paraissant appartenir á ce qu'on appelle, en Europe, la classe moyenne, et il ajoutait: une observation plus attentive m'a montré que c'étaient les femmes, filles et sœurs des ouvriers.

Dans l'Etat du Maine, à une fête qui attirait une foule extrêmement nombreuse, Mme Bentzon ne vit ni ouvrières, ni paysannes. Toutes portaient des robes bien taillées, dont beaucoup en soie; quelques-unes avaient des fourrures. La plupart de ces dames, égales en instruction aux bourgeoises, égales, ou peu s'en faut, en toilette, etaient les femmes des scieurs de long.

Veja, meu amigo, veja!

Mas... já hoje não tenho espaço. No domingo conversaremos.

C.

QUE TAL É O TERROR!

A noticia de que o *Povo de Aveiro* era distribuido em *Abrantes*, durante a *incursão* dos papoilinhas de Lisboa, desnorteou de tal forma os *Margaridos* e os *Trintas* que até o *mignon*, na bebedeira, nos tomou pelo prior.

Quem o *mignon* desmascarou foi o prior depois d'uma grande patuscada em que entrava *caldeirada de besugos*.

Nós, não, que nunca tivemos maus costumes.

De resto, o *Povo de Aveiro* não foi distribuido em Abrantes pelo simples motivo.... de todos os seus numeros estarem exgottados!

Os patetas, a julgarem que nos fazem recuar apontando-nos á turba-multa... como agentes da reacção! Idiotas.

FALTA DE ESPAÇO

Por urgencia d'artigos d'occasião tivemos de deixar para domingo os artigos Tribuna e Problemas.

DESQUALIFICADO

Ululam! Continuam a ulular! Cada vez mais assanhados, mais furiosos, mais ameaçadores, mais terriveis!

Mas querem os leitores acreditar? Divertem-nos. Os desgraçados chegaram a isto: a divertir-nos!

E' claro que não é dizer por dizer. Toda a gente acreditará que elles nos divirtam, desde que elles divertiriam toda a gente. Só quem estivesse doido!

Nós somos o desqualificado! O exauctorado! O miseravel sem imputação! O covarde, a quem todo o mundo voltou e volta as costas! E é preciso juntar-se contra nós, vomitando ameaças e jorrando injurias, o exercito, o grande exercito da redempção nacional! Todo elle, inteirinho, de norte a sul, de leste a oeste, áquem e alem mar em Africa, Asia, America e Oceania! Já não ha gazeta republiqueira que por esse paiz fóra, pelas colonias, e até no Brazil, não arreganhe, furibunda, a tacha contra nós!

Pois não é caso para divertir um homem?

Dissemos nós aqui, talvez com vaidade—n'umas coisas somos modestissimo, n'outras coisas somos vaidoso — que vinhamos exercendo maior acção, mais terrivel acção, contra o partido republicano, que o governo e os partidos monarchicos reunidos. E eis os miseraveis a confirmarem plenamente essa nossa affirmação!

Plenamente! O governo não os incommoda. O governo tem medo d'elles. Incommoda-os pouco o partido progressista. Não os incommoda em coisa nenhuma o partido regenerador. Arremettem com os franquistas, mas sentem-se vencedores dos franquistas. Repontam com os nacionalistas, mas não lhes fazem sombra os nacionalistas. Com toda a imprensa elles mangam. Mas salta-lhes d'aqui o *desqualificado*, n'um semanariosito de provincia, e elles ficam doidos de furia e de terror.

Esta é que é a verdade. Sim, esta é que é a verdade. Digam lá o que disserem. E que é a verdade, vê-se.

Vê-se!

Andam furiosos. Mais do que furiosos: doidos de furia! Se soubessem o que elles nos dizem e as ameaças que nos fazem! Porque os senhores leem-nos nas gazetas. Mas nas cartas anonymas é que os não leem. O que elles nos dizem em cartas anonymas! Que nos hão de matar. Que temos os dias da vida contados. Que podemos fazer o acto da contricção. Emfim, coisas de metter medo a Satanaz. Se dissessem a Satanaz as coisas que nos dizem a nós, Satanaz tinha medo. Que querem? Nós rimo-nos d'elles.

Ora ahi está. Nós rimo-nos d'elles!

De resto, essa da facada ao voltar d'uma esquina seria a unica coisa que nos poderia metter medo. Não mette. Mas, dada a qualidade dos malandros, seria a unica coisa que nos poderia metter medo. O Navarro nunca lhes disse metade do que nós lhe dizemos. Nem metade. Nem coisa parecida. Nunca ninguem lhes disse em Portugal, nem dirá, o que nós lhes temos dicto e o que, emquanto formos vivo, lhes diremos. Não obstante, Navarro tinha medo d'elles. Tinha medo d'elles! Navarro tomou a serio a ameaça do candieiro. Podemos garanti-lo. Ameaçavam enforcar Navarro n'um candieiro, e Navarro, embora continuasse corajosamente a combate-los, creou-lhes medo. Podemos garanti-lo!

Medo infundado? Não. Que elles são malandros, sabemo-lo nós. Que elles estão cheios de assassinos, sabemo-lo nós. Elles são capazes de tudo. De tudo! Elles são uma horda de bandidos. Elles não hesitam, elles não recuam deante de *crime nenhum*. Mas então o que querem? E' um feitio. O Navarro era um valentão. Nós não somos. Valentões como o Navarro desapparecem pelo chão abaixo com medo d'elles. E nós, uma creatura inoffensiva... rimos-nos d'elles.

Não é vaidade, nem fanfarronada. Já lhes dissemos que ás vezes somos vaidoso. Somos. N'umas coisas somos modestissimo. D'uma modestia pouco vulgar. N'outras coisas somos vaidoso. Mas n'isto, agora, é que não ha vaidade nenhuma. Seria uma vaidade estupida! Não senhores. Somos assim. Sem sermos valentão, vendo perfeitamente, perfeitamente! o perigo que corremos, não temos medo nenhum d'elles. Nenhum!

E' um feitio. Em tudo somos assim.

Ninguem resistiria aos desgostos e ás luctas que temos tido na vida. Desgostos terriveis. Luctas formidaveis e de todos os instantes. Pois temos resistido, resistimos, e esperamos resistir. E nunca andámos tão bem de saude. Temos a honra de o participar á grande quadrilha. Se não se apressam a dar-nos uma facada ao voltar d'uma esquina... estão perdidos.

Mas, como iamos dizendo, seria a unica coisa que nos poderia metter medo. Fóra d'isso, em que nos ferem, em que nos prejudicam. São uns asnos, senhores. São os maiores asnos que contém o universo.

Que somos desqualificado! Nós somos um desqualificado! E' a grande injuria, é a maior injuria que nos dirigem. Mas se isto não é, e não é, um grande paiz d'asnos, todo o mundo vê que essa injuria se volta contra elles.

Essa injuria, alem de provar que elles são uns grandes asnos, prova que são uns grandes miseraveis, os ultimos villões, os ultimos infames. Dupla prova que fazem sempre contra si. Nunca provam que são asnos que não provem que são vis. Nunca provam que são canalhas, que são villões, que são infames, que são pulhas, que não provem que são asnos.

Quando fazemos uma affirmação de principios é porque estamos resolvido a pô-los em pratica. Toda a gente o sabe em Portugal e é isso, precisamente, que constitue a nossa maior força e a nossa maior auctoridade. Não somos um charlatão. Não somos um pantomineiro. Não somos como o ladrão do Affonso Costa que aconselha o livre pensamento e que manda baptisar os filhos catholicamente. Não somos como o biltre do Bombardino que faz n'esse ponto o mesmo que faz o Affonso Costa. Bem ou mal, advogámos um dia o livre pensamento. Emquanto não reconsiderassemos, e reconsiderando tinhamos obrigação de vir a publico dize-lo, era nosso imperioso dever harmonisar os nossos actos com as nossas palavras de livre pensador.

Combatemos um dia o duello. Achámos o duello uma grande estupidez. Uma convenção abjecta. Parecendo ser um acto de coragem, no fundo uma grande covardia. Isto em geral. Em especial, um dos maiores attentados á democracia. Vá, que o praticassem os fidalgos, desde que o duello era uma tradicção fidalga. Mas os democratas!... Alem d'isso, e relativamente a Portugal, inteiramente opposto ao caracter, ao feitio e ao temperamento portuguez. Ora desde que combatiamos o duello, desde que não eramos um charlatão, um pantomineiro, um farçante, da laia de Affonso Costa e Bernardino, da laia de todos os malandros, não façâmos excepções, que por desgraça appareceram á frente do partido republicano portuguez, homens sem principios, sem convicções, sem nenhuma seriedade e firmeza de caracter, desde que combatiamos o duello, o nosso dever, o nosso rigoroso dever, era não acceitar o duello. Faziamos ahi uma excepção? Não. Faziamos em relação ao duello o que faziamos em relação a tudo.

Eramos livre pensador na doutrina e eramos livre pensador nos actos. Eramos partidario acerrimo do derramamento da instrucção e, alem de debatermos n'este jornal todas as questões e todos os problemas para derramarmos nas classes mais cultas a instrucção, faziamo-nos mestre-escola para derramarmos nas classes incultas a instrucção. Faziamos propaganda contra o duello pela doutrina e faziamos propaganda contra o duello pelo facto. Era o nosso feitio. Era o nosso temperamento. Eramos em tudo a mesma coisa. E ainda bem que o eramos. Era bem tempo de apparecer n'este paiz um jornalista, um publicista, um homem que exercesse qualquer parcella dirigente com a dignidade precisa para harmonisar os seus actos com as suas palavras. Com a força d'animo necessaria para dizer a verdade e sustentar, atravez de tudo, contra todas as convenções, apesar de todos os preconceitos, e não obstante todos os sacrificios e todos os prejuisos que d'ahi lhe adviessem, a verdade. Era bem tempo!

Importava isso falta de coragem? Qual falta de coragem? Pois então a coragem está em um homem se sujeitar a regras e a convenções absurdas? Postas de parte essas regras e essas convenções, desappareceu a coragem?

Qual coragem? Temos aqui o dogma da immaculada Conceição, da infallibilidade do Papa, ou que temos?

Pois o França Borges, o rufião, o *souteneur*, o Margarido, arvorado em paladino da tradição fidalga do duello, a sustentar o dogma do duello, não é uma das coisas mais comicas, e, ao mesmo tempo, mais ignobeis d'esta terra?

Um sujeito quer-me bater. E diz-me: *Eu quero-lhe bater, mas não lhe quero bater senão d'esta e d'aquella forma e você ha de se prestar aos meus caprichos e desejos*. Eu respondo-lhe: *Vá para casa do diabo mais as suas formas de bater. Se quizer bater, bata, mas deixemo-nos de formas e de formulas. Deixemo-nos de caprichos e desejos*. O homemsinho replica: *Então não, então não quero*. E, só por isto, elle é um homem de coragem e eu sou um covarde!

Isto é ridiculo. E' estupido e é ridiculo. Acima tudo é ridiculo. Tudo quanto ha de mais ridiculo.

Quem injuriou — elle chama-lhe injuria — o ladrão do Affonso Costa? Fui eu. Porque não foi esse malandro procurar-me a Coimbra com um pau, com um chicote, uma pistola ou uma espada? Porque me não deu na rua um tiro, porque não me feriu com uma espada, porque não me bateu com um pau, porque não me deu com um chicote? Porque é um farçante. Um grandissimo farçante. Porque, no fundo de todas as suas fanfarronadas e jactancias, é um covarde!

E' boa! Pois eu é que o injurio e eu é que sou obrigado a procura-lo? Quem é capaz, em boa verdade, em boa justiça, em boa ou má, de sustentar ahi essa monstruosidade, essa infamia, esse absurdo?

Eu é que o injurio. E elle não me provoca... para se desforçar! Responde com injurias. E eu é que sou então obrigado a procura-lo... para me desforçar!

Eu é que o injurio. E elle não manda duas testemunhas... reptar-me a duello. Responde com injurias. E eu é que sou obrigado a mandar-lhe, a elle, duas testemunhas... repta-lo a duello!

Desenganem-se: não ha quadrilha mais infame, nunca houve, nem será possivel tornar have-la, maior e mais infame, em Portugal.

Não indo a Coimbra procurar-me, para me bater, como aliás, no seu primeiro artigo, abertamente ameaçava, porque não mandou o ladrão do Affonso Costa, ao menos, áquella cidade, duas testemunhas reptar-me a duello? Porque, escreveu elle, eu não acceitava duellos. Mas então, eis ahi descoberta a fajardice e o fajardo! O fajardo, o biltontra, ensinado pelo Dantas Barracho, *le chevalier sans peur et sans reproche*, armava-me simplesmente uma cilada. Não me procurava para me bater, porque, ou levasse eu ou levasse elle, isso não me prejudicava. Não me mandava desafiar para duello, porque, ou eu acceitasse ou não acceitasse, n'essa altuara isso não me prejudicava. Que caminho restava então ao *homem de honra*? Ao partidario do *campo da honra*? Ao paladino do duello? *O homem de honra* não se queria **desaffrontar.** *O homem de honra* não queria affirmar o seu **brio pessoal.** O gatuno, o sicario, o grilheta, o quadrilheiro infame, verdadeiro malandro de *capa e espada*, queria, simplesmente, *entalar-me*. E então o Bayard, o symbolo da honra portugueza fins de seculo dezenove e principios de seculo vinte em Portugal, da honra portugueza na republica, na redempção nacional, e então o Bayard, *le chevalier sans peur et sans reproche*, e então o Bayard, conhecedor dos preconceitos e das manhas militares, ensinava-lhe o recado. Elle injuriava-me. E injuriava-me *forte e feio*. O pêlo da *honra militar* eriçava-se, teso como o d'um porco espinho. E, das duas uma, ou eu ia, vexado, atraiçoando os meus principios, renegando as minhas doutrinas, descendo das minhas tamancas, pela primeira vez um pandilha como qualquer Bombardino Rachado, passando sob as forcas caudinas do preconceito tantas vezes por mim injuriado, da convenção tantas vezes por mim estigmatisada, perdendo assim toda a auctoridade, para o campo da honra *trocar duas balas sem resultado*, ou não ia, e cahia espetado nos pêlos corneos do porco espinho militar.

Evidentemente, eu percebi a cilada. Podia não suppor previamente, e não suppuz, que fosse tão longe a infamia do *grande parlamentar*. Mas, publicado o o ultimo artigo do pulha, percebi de prompto a cilada. Com recursos materiaes eu não hesitava. A farda, a que nunca tive amor. ia para casa do diabo. E com a penna, convertida em chicote, precisamenie aquillo de que o quadrilheiro se queria livrar, retalhava-o, triturava-o, esmagava-o. Reduzia-o a farrapos. Não lhe fazia mais nada. Que me importavam a mim os commentarios dos idiotas, dos insignificantes que andam para ahi, n'um espectaculo comico, a medir forças a toda a hora, dos fanfarrões, dos valentões, dos ridiculos *snobs* partidarios do *campo da honra*? Entre mim e elles ha de haver alguma differença. A differença é esta. Elles são idiotas. Eu não sou. Elles são uns comediantes, uns farçantes. Eu não sou. Elles são uns pataratas. Eu não sou. Eu retalhava o Affonso Costa. Eu reduzia-o a nada. Mas com esta penna, este chicote que elle, com a cilada miseravel, me queria inutilisar. Não lhe fazia mais nada. Pobre, sem recursos materiaes, vi-me obrigado a procura-lo para lhe dar quatro bengaladas.

O resto sabe-se. Está dicto e redicto. Tem-se dicto cem vezes. Tive a fraqueza, a unica fraqueza que me censuro, tambem o tenho dicto muitas vezes, de acceitar, em ultima hypothese, o duello. A unica fraqueza! Considero-o uma grande fraqueza! Envergonho-me cada vez mais d'essa fraqueza! Eu não me envergonho de não ter ido para o *campo da honra* com o ladrão do Affonso Costa. Eu envergonho-me de me ter prestado a ir para lá. Mas a verdade é que tive essa fraqueza. Quem me embaraçou? Quem impediu o encontro com Affonso Costa *por todas as formas*? Quem me disse a mim, ao dr. João de Deus, n'aquella noite em que já estava falado o medico e em que se procurava a outra testemunha — uma d'ellas era o dr. João de Deus—que pozessemos de parte a hypothese do duello, porque o directorio, constituido em tribunal da honra, liquidaria o caso? Quem foi dizer publicamente, n'uma conferen-

cia, como tanta gente ouviu e como consta de todos os jornaes da epocha, que eu estava prompto a acceitar o duello?

Eu quero que os leitores vejam mais uma vez, que os leitores se não esqueçam, da infamia, da grande infamia da quadrilha republicana, quando me chamam *desqualificado*. Eu quero que os leitores vejam, que se não esqueçam, de que nenhum bandalho da republica me pode chamar *desqualificado* sem esbofetear Bernardino Machado, Antonio José d'Almeida, Fernandes Costa, Celestino d'Almeida e Agostinho Fortes, que, n'um documento assignado por todos, me consideraram *honrado e illibado*. Isto é que eu quero que os leitores vejam. Eu não me importo nada que elles me chamem *desqualificado*. O que eu quero é que toda a gente, todo o meu paiz veja, sob todos os aspectos, por todos os lados, a infamia, a grande infamia, a vileza, a grande vileza, a ignominia, a grande ignominia, a prostituição, a baixissima prostituição, que representa a quadrilha republicana em Portugal.

Isso é que eu quero !

Eu não deixei de procurar Affonso Costa senão porque m'o impediu Bernardino Machado. Eu não fui para o duello senão porque m'o impediu Bernardino Machado. Eu não acceitei a sentença, a celebre sentença do tribunal de honra, que, aliás, me considerou *illibado e honrado*, senão quando Bernardino Machado, o villão, o malandro do Bernardino Machado, se empenhou solemnemente commigo a não a publicar sem o ministro da guerra lhe garantir que d'ella não surgiriam embaraços. Farto já de aturar aquelle malandro, olhando com absoluto desdem todas *aquellas praxes*, que repugnavam ao meu temperamento e ao meu modo de pensar, sentindo verdadeiro desprezo pela falta de caracter dos que me estavam a julgar, incapazes de uma resoluta affirmação de justiça, e d'um honrado impeto de revolta, eu não tratava já, como sempre disse, senão de me libertar das difficuldades militares, pois d'ellas me poderia resultar a miseria, portanto um grande desastre. Mais nada. Approvava o ministro da guerra a sentença ? Dissessem o que quizessem. Não approvava ? Nada feito. Teriamos, então, de pôr em pratica outro processo. Pois Bernardino Machado *não consentiu* que eu procurasse individualmente Affonso Costa, Bernardino Machado impediu o duello no momento em que elle estava para se realisar, Bernardino Machado, o malandro, faltou como um cão á promessa solemne de mostrar a sentença ao ministro da guerra e de não a publicar se este não a approvasse, e ficam todos a injuriar-me... como *desqualificado?*

Não ha coisa nenhuma que prove melhor o caracter, o valor moral de toda a quadrilha republicana, que este facto.

E' claro que o conselho superior de disciplina do exercito, por menos auctoridade que tivesse, por mais justiça que me assistisse, me *exauctorava*. Nenhum d'aquelles homens tinha a minha capacidade moral. Nem cada um d'elles, nem todos elles sommados. Nenhum d'elles, nem todos elles sommados, era capaz da centesima parte das provas de coragem que eu dava ha muitos annos n'uma lucta formidavelmente desegual: eu só, contra uma sociedade inteira cheia de vicios e mentiras. Mas... não era uma questão moral que o conselho ia julgar. O conselho ia julgar... uma questão politica. Uma grave questão politica. E tão grave... que o conselho não julgaria sem ordem *muito superior* e *muito especial*. Só quem não conhece o exercito, e *quem mandava n'aquelle tempo*, poderia duvidar. O conselho não ia julgar. O conselho ia *chancellar*. Chancellar o quê? A expulsão... d'um republicano ! Nada mais !

D'um republicano audacioso. D'um republicano perigoso. Bastante independente e bastante irrequieto... para que ninguem podesse saber e nem sequer calcular, o que elle seria capaz de fazer... no dia immediato.

Mas a monarchia, e este é que é o caso espantoso, limitou-se a *aproveitar a occasião*. A monarchia sahia d'aquillo *sem nenhuma responsabilidade*. Quem preparara a victima, quem a levara ao sacrificio, não fora ella. Ella limitava-se a deixar cahir o cutello sobre o pescoço da victima que a republica estendia ... no cepo do algoz.

Este é que é o caso espantoso!

Foi o partido republicano quem teceu e preparon toda a infamia que me levou ao conselho superior de disciplina do exercito. N'esse conselho eu fui, sobretudo, condemnado por me declarar, como sempre, republicano, e ter acceitado como tribunal de honra o directorio. E o partido republicano, não tendo tido uma palavra, que cohonestasse ao menos as apparencias, contra a maneira inquisitorial como funccionava um tribunal de monstruosa excepção, e o partido republicano, tripudiando de alegria sobre uma sentença que condemnava um homem cujo unico crime era ter tido bastante independencia deante d'elle, e bastante integridade, para não applaudir todas as suas mentiras e infamias, ainda agora não tem melhor argumento contra a sua victima que invocar a sentença do tribunal... que sanccionou a vileza de Bernardino Machado, em especial, e a de todo o partido republicano, em geral.

Quadrilha! Infamissima quadrilha! Grandes miseraveis!

Mas não importa. Elles julgam que nos incommodam, os idiotas. Os idiotas!

Não importa. Conta-se que o sr. José Luciano de Castro, com quem nunca, sendo nosso patricio, trocámos uma palavra escripta ou uma palavra falada, exclamara, ao receber no seu palacio dos Navegantes a noticia da nossa condemnação:

"Mas não tem duvida. Elles encontraram o *seu menino.*„

Pois é certo. Elles encontraram o seu menino !

Deus escreve direito por linhas tortas

Velhas Opiniões

Do *Povo de Aveiro*, de 18 de setembro de 1887:

Deixaram o partido á tôa, deixaram o partido abandonado, desalentaram muitos republicanos, repelliram outros tantos, praticaram tolices por todos os lados, fizeram na incapacidade e na asneira o *diabo a quatro* e ainda assim, se ultimamente perdemos terreno em Lisboa porque o corpo eleitoral da capital se resentiu de tanta inhabilidade, é incontestavel que as eleições d'este anno confirmaram o resultado eleitoral anterior, isto é, que no paiz ha uma grande força democratica e que a idéa republicana cria raizes profundas na cidade, na aldeia, no ultimo burgo. O sr. Jacintho Nunes não sahiu deputado, nem o sr. Theophilo Braga, nem o sr. Bernardino Pinheiro? Pois queixem-se de si. Trabalhassem com mais tacto, com mais energia, com mais dedicação, que pelo menos um poderia satisfazer as suas ambições pessoaes e dar, pelo triumpho, maior prestigio ao partido republicano. Percorressem o paiz n'uma cruzada valente e propozessem o maximo dois deputados d'accumulação. E veriam como o resultado era differente d'aquelle que foi.

O que estes homens teem, não cessaremos de o repetir, é todos os defeitos e vicios dos homens monarchicos. Julgam que nos levantam e honram, a nós os soldados, a nós a plebe, com a sua participação no movimento democratico. E então, ai de nós se ousâmos desrespeita-los um segundo que seja! E então tudo que nós lhe dâmos é pouco e tudo que elles nos dão é generosidade e favor!

Nós andâmos aqui na provincia,—porque é preciso que os conventiculos da capital se convençam, esses conventiculos em que a calumnia manda e a intriga faz lei, de que não ha comparação entre os nossos sacrificios e os sacrificios d'elles,—n'uma lucta terrivel para sustentar a idéa e os principios republicanos. Nós sômos perseguidos, nós sômos prejudicados immenso nos nossos interesses e entretanto nunca recuâmos perante o menor obstaculo. Nós vâmos a Lisboa assistir aos congressos, aos jantares politicos. a todas as manifestações, emfim, em que os chefes reclamam o nosso concurso. Mas se precisamos d'elles por qualquer circumstancia, se lhe lembramos a necessidade da sua presença para o bom exito de qualquer trabalho politico, é certo que raramente apparecem, embora tenham a certeza de que só pagarão a passagem, porque todas as outras despezas lhe fazem as localidades d'onde os chamam.

Lá vae um ou outro aqui e alli, muito perto do centro onde vivem, e isso mesmo de tres em tres annos ou mais. No geral fecham os ouvidos a todas as reclamações, a todas as *supplicas*, porque lhe chegam a supplicar a presença, e, ou não respondem, ou respondem com frieza e ar contrariado de grandes senhores. Não inventamos; todos os republicanos o sabem.

Nós tudo; elles nada. Nós sômos a plebe; elles são os senhores. Nós temos bolsa para todas as despezas e costas largas para todos os sacrificios. Elles teem barriga para todas as commodidades e desdem para a ralé que trabalha.

Os nossos jornaes custam-nos muitos desgostos, muitas difficuldades e ás vezes bastante dinheiro. Para os dirigentes, todos bem collocados e altamente estipendiados, não seria sacrificio nenhum pagar duas, tres, ou quatro assignaturas de jornaes semanaes e baratos, que semanaes e baratissimos são todos os periodicos republicanos do paiz tirando Lisboa e Porto. Deviam mesmo paga-las, já que essess jornaes, é sabido, luctam com difficuldades enormes para sustentar e propagar no paiz os principios republicanos. Pois são os maiores e peiores dos caloteiros relapsos. Pelo menos foram-no com o *Povo de Aveiro*, não no tempo em que o *Povo de Aveiro* os principiou combatendo, que então não seria de admirar, mas no tempo em que o *Povo de Aveiro*, ainda com os olhos fechados, estava na melhor confraternidade, e na mais doce harmonia com elles. Aqui temos na cabeça do rol dos maiores caloteiros, primeiros no tempo e na ordem numerica, os srs. Consiglieri Pedroso, Sousa Brandão e Bernardino Pinheiro. Tal qual como o sr. Theophilo Braga a subscrever com dois tostões para a greve dos manipuladores de tabaco e o competente discurso contra as greves, em tempos que lá vão, sem esquecer que alguns dos operarios grevistas tinham perdido dias de trabalho a tratar-lhe da eleição por Alfama !

Deus nos livre de sermos levado aos tribunaes por processos politicos. Os dirigentes são advogados, mas, ou não nos querem tomar a defesa, ou, se a tomam, fazem-se pagar como advogados d'alto cothurno sem a menor attenção pela natureza do processo ou pela qualidade dos reus. Ha muitos exemplos que poderiamos citar com factos, nomes e datas. Mas não é preciso, porque a verdade da accusação está na consciencia de todos, e as excepções a essa regra geral são tão raras e poucas que não alteram o fundamento que fica escripto.

E depois, se algum republicano de altivez e caracter se ergue contra isso e fulmina os especuladores, é discolo, é indisciplinado, é vendido ao governo. Cuidado não tocar n'esses senhores de baraço, cutello e feudo!

Porque o *Povo de Aveiro* sustentou os bons principios na questão jesuitica, o *Seculo* deixou de trocar com o *Povo de Aveiro!* Porque o *Povo de Aveiro* fulminou o directorio, e o sr. Magalhães Lima com especialidade, na celebre *alhada* de 14 de Julho, em que partido conscio da sua missão correria a pontapés directorio e *Seculo*, tão tolos, tão indignos de dirigir um partido que o encheram de ridiculo e troça na famosa representação dos Recreios, não houve intriga nem difficuldade que os dirigentes não procurassem mover-nos. E o mesmo com a *Provincia do Algarve!* E o mesmo com qualquer jornal, individuo ou collectividade que, o mais mansamente que fosse, desapprovasse ou censurasse os actos do directorio!

Elles são os senhores, nós sômos os escravos. Elles não andam n'isto de confraternidade comnosco. Ándam para servir as suas vaidades, os seus negocios ou a sua personalidade. Fazem-nos favor, honram-nos com a sua presença. Teem dó da plebe. E então o futuro do partido republicano, o destino da democracia portugueza ha de ser o que elles quizerem. Não viram que certo correspondente de jornal de provincia deu como razão maxima da excellencia da proposta Jacintho o ella ser defendida no seio do congresso pelos homens mais illustrados do partido, isto é pelo directorio? Defendeu-a o sr. Jacinto Nunes, o sr. Theophilo Braga, o sr. Consiglieri Pedroso, o sr. Elias Garcia? Combateu-a um sapateiro ou um carpinteiro? Então a proposta era boa. O carpinteiro podia ter muita intelligencia e muito caracter, e para aquillo bastava caracter, que por menos intelligente que fosse qualquer congressista não lhe era difficil perceber a proposta. Mas no fundo era carpinteiro. E então vence o sr. Theophilo Braga, que é doutor!

E não ha quem se peje de escrever sandices de tal natureza.

E eis tudo. Os sacrificios todos temo-los feito nós, a plebe. Nós gastâmos dinheiro, nós compromettemos situações delicadas, nós concorremos para tudo quanto nos pedem a bem da causa republicana, nós vamos para a cadeia sem os mimos, os presentes e a apotheose que teve o sr. Magalhães Lima, nós vamos para o outro mundo quando nas eleições protestâmos contra fraudes sem nome e nós levâmos tapona de cego quando não deixâmos a monarchia fazer o que quer. Elles, dirigentes, hoje berram pela evolução, ámanhã berram pela revolução e no dia seguinte berram pelo Barjona. Elles não dão um passo para nos soccorrer, todas as vezes que nos vêem em perigo. Elles fazem propaganda na crapula, no vicio, na taberna até cahirem ás portas da morte, ou caçando perdizes nas suas propriedades, em logar de a virem fazer no meio dos provincianos. Elles vão para o theatro dos Recreios encher de ridiculo e mofa o partido inteiro. Elles promettem nos seus jornaes manifestações que não se realisam e instituições que nunca se criam. Elles demonstram a cada passo no parlamento, e nos jornaes que dirigem, ou a falta de convicções, ou a mais chapada ignorancia sobre as reformas a realisar na vida nacional. Elles encerram comicios quando a policia munda. Elles não sabem dirigir eleições. Elles põem de parte os republicanos que não lhes agradam. Elles fazem quando querem accordos e contractos com o governo. Elles nem as actas escrevem das sessões do directorio. Elles andam á bulha uns com os outros, ralados de despeitos e odios. E no fim são *insufficientes os processos empregados* e *apertada* a situação do partido republicano e quem tem a culpa é a plebe que não quer acceitar da monarchia, d'aquella monarchia que elles disseram mil vezes deturpar as melhores intenções, ludibriar a melhor boa fé e espesinhar e torcer as concessões liberaes que nos faz na hora do perigo ou na hora em que lhe convem, processos que a *salvem* e situações que a *despertem*.

Mas não importa. Os povos teem os governos que merecem. Cantaste, cigarra? Pois agora dança.

VÁRIA

A questão das raças

E' um dos graves problemas da humanidade. Os asiaticos devem ou não devem ser admittidos ao convivio dos brancos ?

Não se incluam para ahi, isto é, para a affirmativa, nem os Estados Unidos, nem o Canadá, nem a Australia, nem a Africa do Sul. E para isso invocam tres razões.

1.· Economia.
2.· Hygiene.
3.· Moral e politica.

ECONOMIA

Não podemos viver com dez reis d'arroz, nem o queremos experimentar, clama o trabalhador americano.

Está bém. Mas quem impede o asiatico de produzir nos seus paizes mais barato ? E depois ? Fecha-se inteiramente a porta aos seus productos? E' difficil.

Certas industrias já estão desenvolvendo no Japão extraordinariamente. Não só o Japão já não importa a maior parte d'ellas, como está em condicções de as exportar, mais perfeitas e mais baratas.

Alem d'isso, na Africa é muito difficil impedir a importação do asiatico. O Transwal e outras colonias inglezas querem resistir á invasão do asiatico. Dizem elias que uma grande emigração produziria a *orientalisação* de todas aquellas regiões. Mas — pergunta um escriptor e muito bem — com a difficuldade que tem o europeu em se aclimatar em Africa é possivel evita-la ? Ha mais de dois seculos que a raça branca existe na Africa do Sul e afinal não temos lá mais que um milhão de brancos. O commerciante e o operario asiaticos contentam-se com menos lucro, menos salario que os europeus. Portanto nas suas mãos se encontram os grandes capitaes. São mais simples, mais sobrios, menos dados ao prazer. Teem primacines qualidades de resistencia e de triumpho na lucta pela existencia. Logo, veem a triunaphar. Atraz d'uns seguirão outros. Depois da influencia capitalista chegarão a adquirir a influencia eleitoral. Da influencia eleitoral vir-lhes-ha a influencia legislativa e governamental. O branco resistirá por fim com as armas na mão, mas será vencido n'esse terreno, como nos outros. E a *orientalisação* da Africa do Sul será um facto.

E a da America. E a da Europa. A America despovoa-se. Isto é, a natalidade na America diminue notavelmente. Na Europa . . . é vêr a França. A França começou. Mas o exemplo da França é seguido, principia a ser seguido por outras nações da Europa. Ora . . . o que sahirá da proxima guerra entre o Japão e a America do Norte? O Japão resigna-se *á exclusão* que lhe impoem ? Se o Japão vence, com o seu poder d'assimilação e de reprodução, com as suas qualidades de economia, de sobriedade, de simplicidade, a mancha amarella estender-se-ha pela America até dominar.

Dominando na America e na Africa domina fatalmente na Europa.

O futuro, quer queiram, quer não, é da raça amarella.

HYGIENE

Outra objecção opposta pelos americanos, australianos, sul-americanos á emigração dos amarellos é a que diz respeito á hygiene.

A Asia é o paiz da peste e d'outras terriveis doenças cuja existencia e extensão são favorecidas pela porcaria oriental. Imagine-se, com o regimen dos asiaticos, a sua incursão nos bairros pobres das nossas cidades da Europa.

O dever de fraternidade, dizem os inimigos da emigração asiatica, leva-nos sem duvida a ajudar os nossos similhantes na doença e na miseria; mas não nos pode levar até ao ponto de comprometter a nossa saude e a de nossas familias sem necessidade

MORAL. POLITICA.

Vem em ultimo logar a questão da politica e a questão da moral. Os asiaticos, dizem os cidadãos dos Estados Unidos e das colonias inglezas, são viciosos, são immoraes. A esse respeito, diz um publicista, é melhor não falarmos. Uns teem uns vicios, outros teem outros. E' o que é. E vicios sobre vicios dão . . . vicios dobrados. Bom é que se não juntem, por isso, europeus e asiaticos.

Mesmo porque a fusão das duas raças, daria o predominio do typo asiatico sobre o typo europeu.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

LARGO DE MANUEL MARIA

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Serviços completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e extrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chouriços do Alemtejo e banha da terra, *Chumbo, cartuchos e mais appetrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc., etc., etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS . A DUZIA e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

CH PHRISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.
Limpa e tinge *luvas, tapetes reposteiros.*

Fabrica e Escriptorio — **Rua Costa Cabral, 489** — PORTO.

SUCCURSAL

383—Rua Formoza—385

[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]

O Povo de Aveiro

Vende-se

LISBOA—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça, do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella, 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro 9 e 10

MATTOSINHOS—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens 100

COIMBRA—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27

ALCOBAÇA—Antonio Vazão.

GOUVEIA—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp

CABEÇÃO—Luiz Vieira da Silva.

PORTALEGRE—João Gervasio Coelho, Largo da Sé.

VENDAS NOVAS—Francisco Pinto Ferreira.

SETUBAL—Manuel Tavares.

ARRONCHES—Miguel Maria.
ESPINHO—Kiosque Reis.
MOITA DO RIBATEJO—João Baptista Moura.
VIZEU—Agostinho da Costa Campos, Rua do Arco 85
CHAVES—Annibal de Barros.
VILLA REAL—Agengia de Publicações de Antonio de Neute C. da Mesquita.
EVORA—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21.
CASCAES—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea.
VILLA NOVA DE BARONEA—José Custodio Figueiredo.
CORTEGANA, Alemquer—João dos Santos Pereira.
REGUENGOS DE MONSARÁS—Antonio João da Cunha.

TYPOGRAPHIA
DE
O Povo de Aveiro
RUA D'ARNELLAS—AVEIRO

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa Bauer & C.ª, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa Bauer e da casa franceza Turiot, orlas e vinhetas decorativas Turiot, Berthold, de Berlim, e de Klinkhardt, de Leipzig, machinas d'impressão, de picotar, d'aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães Albert & C.ª, de Frankenthal, Ingenfrost, de Leipzig, Dietz & Listing, de Leipzig, com uma espiendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a cores, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, como livros, revistas, jornaes, prospectos, cartazes, facturas, circulares, etc.

Toda a correspondencia dirigida para Aveiro, a Francisco Manuel Homem Christo, proprietario, director e administrador do POVO D'AVEIRO.

HOTEL CYSNE
Boa-Vista

RUA DA ALFANDEGA (Junto á Ria)

AVEIRO

Proprietario-Gerente

ANTONIO SIMÕES PEIXINHO

Este antigo e bem conceituado hotel, installado em casa propria e sito em um dos locaes mais aprazivels da cidade, recommenda-se pela seriedade e aceio do tratamento.

Contracto especial para hospedes permanentes

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TRENS AOS PRINCIPAES COMBOIOS

Endereço telegraphico:

Hotel Cysne—AVEIRO